

# CERÂMICAS ESTAMPILHADAS DA IDADE DO FERRO DO SUL DE PORTUGAL

## I — Cabeça de Vaiamonte - Monforte

José Morais Arnaud

e Teresa Júdice Gamito

### I. INTRODUÇÃO

Os primeiros contactos directos que tivemos com o tipo de cerâmicas que são objecto deste estudo datam de 1967, ano em que iniciámos o estudo do Castelo Velho de Veiros (Estremoz), onde se encontraram, quer em recolhas superficiais<sup>1</sup> quer numa campanha preliminar de escavações efectuada em 1969<sup>2</sup>, alguns fragmentos de cerâmica com decoração impressa com matriz, ou «estampilhada», de acordo com a terminologia mais corrente<sup>3</sup>, estes últimos perfeitamente integrados na primeira estratigrafia, com uma potência de 3 m, obtida para a Idade do Ferro no Sul de Portugal, e que continua a ser a única publicada.

Ao apercebermo-nos de que este tipo de cerâmicas era o mais característico desse «castro», começamos a procurar paralelos não só no Alto Alentejo como no resto do País e da Península.

As únicas cerâmicas deste tipo encontradas em Portugal então publicadas eram em número extremamente reduzido, e provinham da gruta da nascente do Almonda<sup>4</sup> e do «castro» de Chibanes<sup>5</sup>.

Foi porém em 1970 que tivemos conhecimento da existência nos reservados do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de fragmentos de quase uma centena de vasos estampilhados, constituindo o mais amplo e variado conjunto até hoje encontrado entre nós, cujo estudo agora apresentamos.

Entretanto outros conjuntos de menor importância foram surgindo, provenientes sobretudo de recolhas superficiais efectuadas por nós próprios ou por outros investigadores que muito amavelmente nos facultaram esse material para estudo, entre os quais destacamos Robin e Fenela Macartney, súbditos britânicos que, fixados durante muitos anos nos arredores de Portalegre, até ao falecimento de Robin, ocorrido há pouco e que muito lamentamos, dedicaram os seus ócios à prospecção

1 ARNAUD, J. M., 1968 — «Castelo Velho» de Veiros (Estremoz), Notícia da sua identificação, *Revista de Guimarães*, LXXVIII, pp. 61-76.

2 ARNAUD, J. M., 1970 — O «Castelo Velho» de Veiros — Campanha preliminar de escavações de 1969, *Actas das I Jornadas Arqueológicas da A.A.P.*, vol. I, Lisboa, pp. 311-322.

3 De entre os vários termos possíveis optámos pelo de estampilhada, seguindo os autores espanhóis, pois o termo alternativo de impressa está mais associado a cerâmicas pré-históricas decoradas com um punção simples ou com gumes de conchas, e não propriamente com matrizes especialmente gravadas para o efeito. O termo estampada, utilizado em trabalhos sobre cerâmica romana, pareceu-nos mais ambíguo e menos expressivo.

4 PAÇO, A., VAULTIER, M. e ZBYSZEWSKI, G., 1974 — Gruta da nascente do Almonda, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XI, 1-2, Porto, pp. 185-7, Est. XI.

5 MARQUES DA COSTA, A. I., 1906-8-10 — Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal, Apontamentos para o seu estudo — Castro de Chibanes, *O Arqueólogo Português*, XI-XIII-XV.



Figura 1



arqueológica, tendo detectado dezenas de estações de épocas diversas, das quais uma das mais importantes é sem dúvida o «castro» de Segóvia, situado perto de Campo Maior.

Foi precisamente neste último local, no decurso de uma ampla campanha de escavações dirigida por um dos signatários (J.M.A.) em colaboração com o Professor J. D. Evans da Universidade de Londres, em 1972, que se encontrou o mais importante conjunto de cerâmicas deste tipo devidamente estratificadas.

Pensámos inicialmente elaborar um *corpus* de todas estas cerâmicas encontradas no Sul de Portugal, mas o aumento constante do número de elementos recolhidos nos últimos anos levou-nos a preferir publicar separadamente os principais conjuntos. Assim, este primeiro estudo é dedicado ao conjunto mais amplo e variado, embora sem dados estratigráficos; num segundo estudo analisaremos diversos conjuntos de menor amplitude, provenientes de meras recolhas superficiais ou de escavações de âmbito reduzido, reservando para um terceiro estudo as cerâmicas estampilhadas superficiais do castro de Segóvia, em cuja ampla e profunda estratigrafia procuraremos encontrar elementos que permitam uma melhor integração cronológica e cultural deste tipo de cerâmicas, que à partida nos parecem as mais características das populações pré-romanas de origem céltica do Sul do País.

## II. MATRIZES

A maior parte das matrizes integra-se no grupo das «palmetas» (32%), designação que engloba um conjunto relativamente variado de formas de perímetro ovalóide, ovular e até trapezoidal, cujos limites são um tanto subjectivos, delimitando não só os característicos espinhados, alguns deles finíssimos, como também formas mais ambíguas.

De entre as restantes formas, ocupam um lugar destacado as de matrizes circulares (22%) nas suas múltiplas variantes, que vão dos simples círculos concêntricos finamente gravados (69 a 73), às dedadas, singelas (9 e 98) ou acompanhadas de unhas (99 e 100), passando pelos círculos preenchidos com quadriculado de malha fina (83 e 84), ou ainda pelos gomilados (8, 76 e 79) ou radiados (19 e 80). Outras matrizes circulares são de base cruciforme (82) ou em forma de «labirinto» (81).

Outras matrizes baseiam-se em espirais, duplas, formando SSS finamente gravados (74 e 75) ou quádruplas, de grande dimensão (85).

As matrizes em «escudete» estão representadas pelos fragmentos 21 e 68, feitos com a mesma matriz mas numa composição diferente e em suportes igualmente diferentes, e ainda pelo 16, de menor perfeição. Associável a estas há ainda a assinalar uma outra, de perímetro trapezoidal, preenchida com um quadriculado irregular.

As formas subquadrangulares, de cantos arredondados, encontram-se nos n.ºs 10, 96 e 97, subdivididas em triângulos simples ou preenchidas com linhas angulosas. Aproximam-se ainda deste grupo as matrizes 20 e até a 65, preenchidas de forma irregular, mas sem formar palmeta.

Outro grupo de matrizes é constituído à base de pontilhados, nalguns casos produzidos provavelmente por um rodízio, que vão dos lineares simples, paralelos, verticais ou oblíquos, aos ondulados e angulosos (87 a 95).

Finalmente, há a assinalar matrizes que se destacam pela sua singularidade, como as em dupla «cruz de St.º André», representadas por três vasos diferentes, impressos com duas matrizes muito semelhantes (4, 5 e 6), e ainda duas matrizes ligeiramente diferentes em dois fragmentos que parecem ter pertencido a um mesmo vaso (7 e 7a), constituídos por uma linha que descreve uma «curva — contracurva — curva».

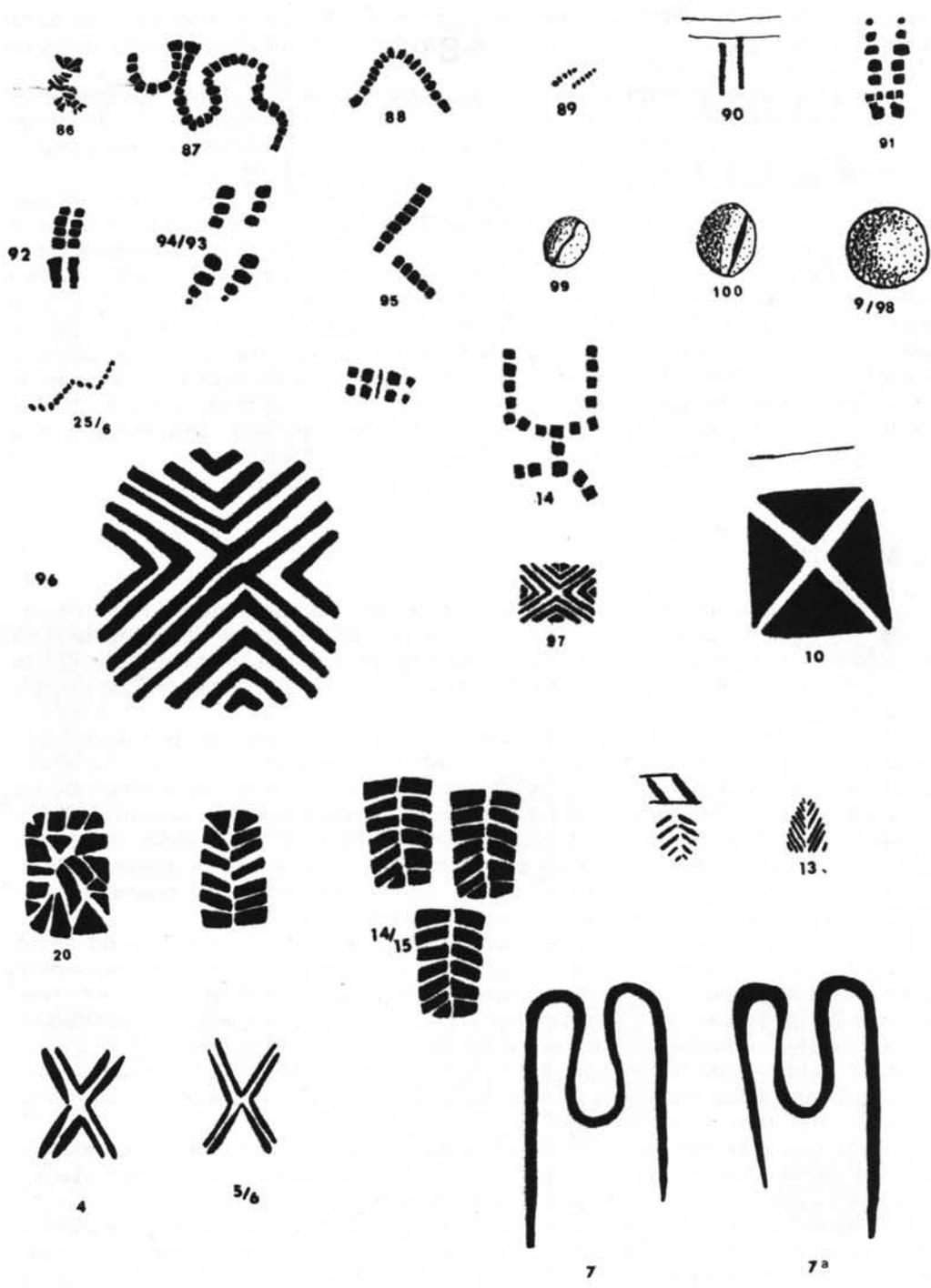


Figura 2



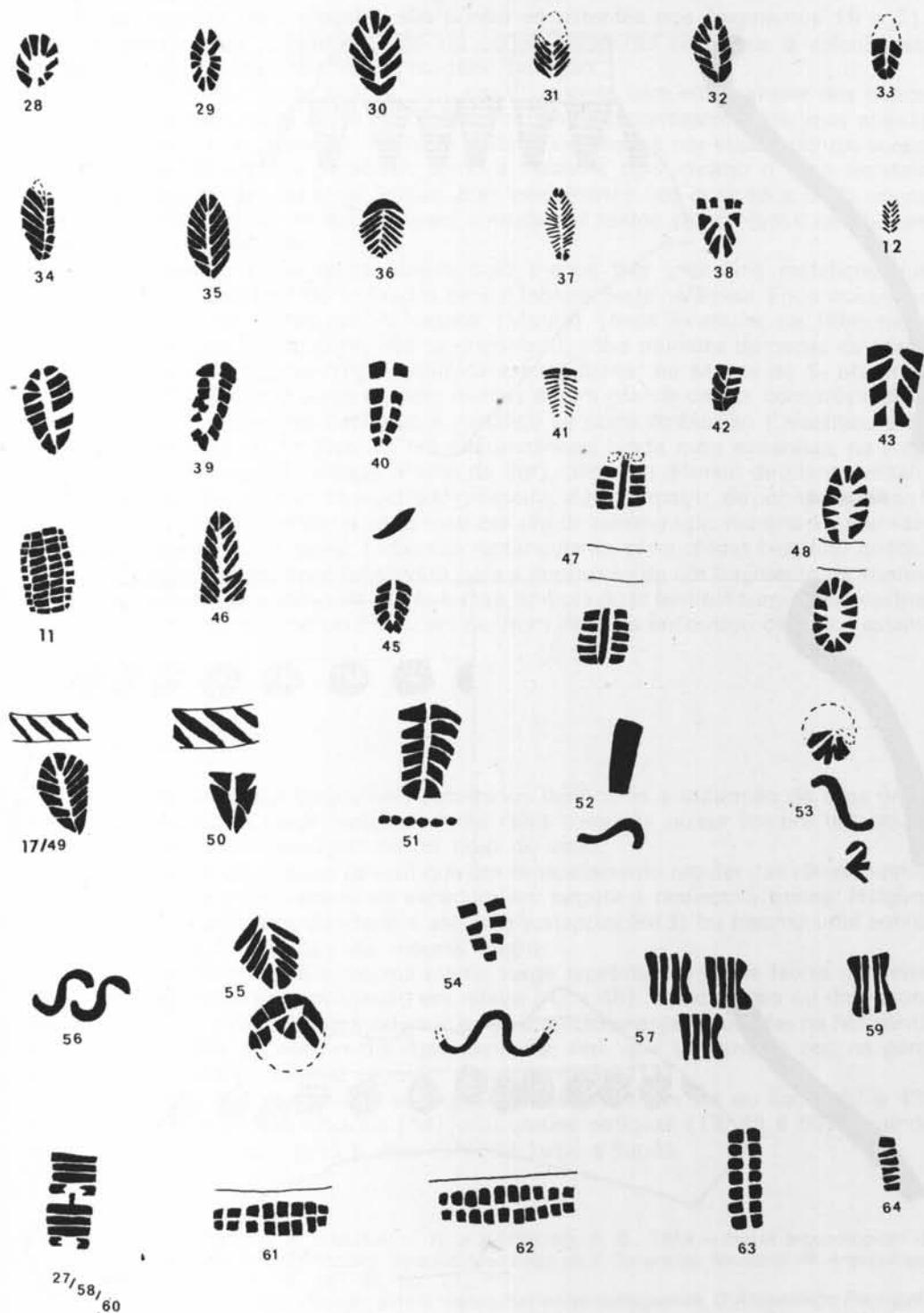


Figura 3



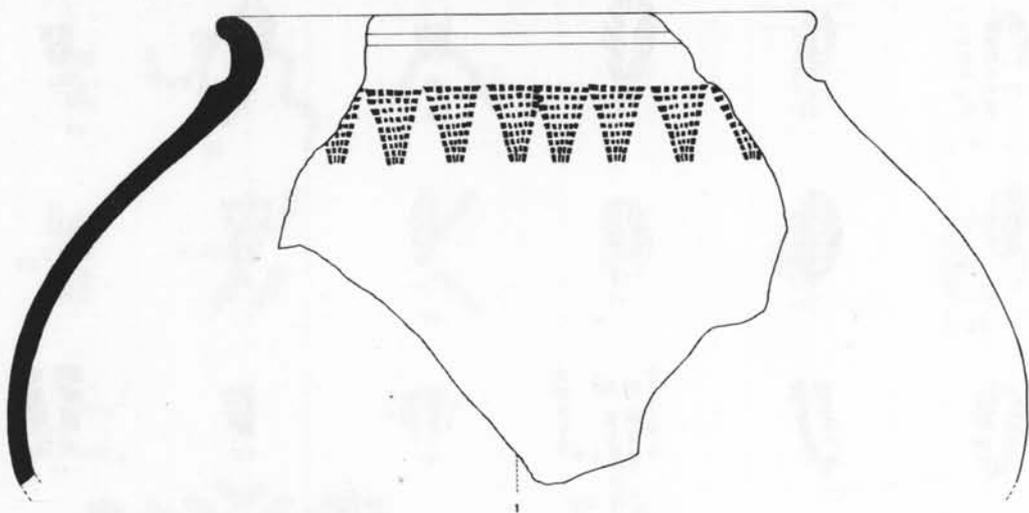


Figura 4

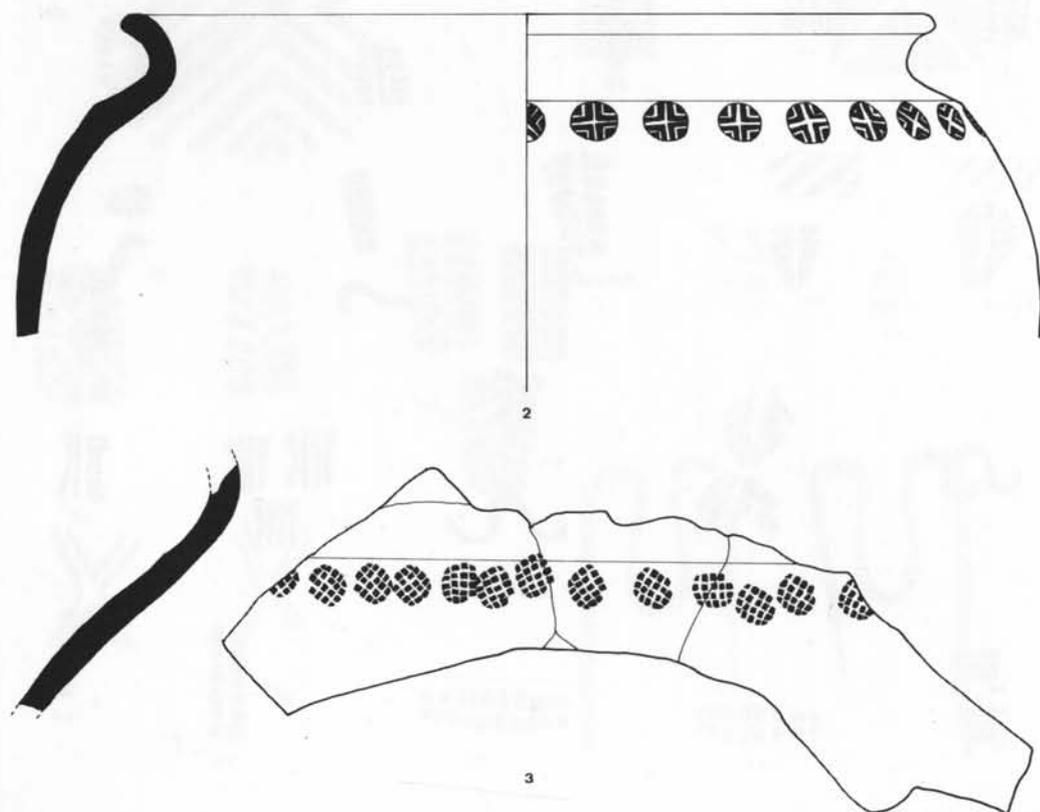


Figura 5



As impressões mais singelas são porém as patentes nos fragmentos 18 e 21, que se assemelham formalmente às de certas cerâmicas neolíticas e calcolíticas, feitas com um punção rombo de madeira ou osso.

Infelizmente não se encontrou, nem em Vaiamonte nem em qualquer dos outros povoados com cerâmicas deste tipo, nenhuma matriz propriamente dita, mas apenas os resultados da sua utilização. Tal facto poderia explicar-se por essas matrizes serem possivelmente de matéria perecível, como a madeira, pois mesmo o osso resistiria facilmente, mesmo em terrenos ácidos, pois pelo menos nos povoados desta época que escavámos sempre se encontraram abundantes restos osteológicos de animais utilizados na alimentação.

Curiosamente, conhecemos porém pelo menos três utensílios metálicos que poderiam muito bem ter sido utilizados para o fabrico desta cerâmica. Encontraram-se respectivamente no Castro da Azougada (Moura) (peça existente na Biblioteca-Museu de Moura) onde porém não se encontrou, entre milhares de peças da Idade do Ferro, qualquer fragmento de cerâmica estampilhada; no Monte de S. Martinho (Alcobertas, Rio Maior) <sup>6</sup> onde existem «ruínas de um grande castro, com três ordens de muralhas», cujo espólio cerâmico e metálico se pode atribuir ao Calcolítico e ao «Bronze Atlântico»; e, finalmente, em circunstâncias ainda mais estranhas, na Anta do Monte do Cabeço (Montargil, Ponte de Sor), pequeno dólmen de planta rectangular, que continha apenas um machado grosseiro, além da matriz, de cobre arsenioso <sup>7</sup>.

Verifica-se ainda que todas estas matrizes são do mesmo tipo, matéria e dimensão, sendo duas delas quase iguais, todas são rectangulares, preenchidas com fino quadriculado, e podiam muito bem ter servido para a impressão de um fragmento de «pote», encontrado no Castelo Velho de Veiros <sup>8</sup>, mas, embora duas tenham surgido em castros do Bronze Final ou mesmo do Ferro, em nenhum deles se encontrou cerâmica estampilhada.

### III. COMPOSIÇÃO

Na maior parte dos fragmentos recolhidos verifica-se a utilização de uma única matriz, em repetição linear simples, numa faixa colocada quase sempre um pouco acima da parte mais protuberante do bojo do vaso.

Embora em muitos casos se verifique um espaçamento regular das várias impressões, os espaços livres raramente excedem em largura a respectiva matriz. Nalguns casos há uma maior irregularidade e até uma justaposição (3) ou mesmo uma sobreposição (1) de impressões da mesma matriz.

Com certa frequência a mesma matriz surge repetida em várias faixas paralelas, por vezes separadas por um cordão em relevo (47 e 48), coincidentes ou desencontradas (20 e 22) com a mesma orientação ou alternadamente colocadas na horizontal e na vertical (65) ou com maior irregularidade; sem que se consiga ver, na parte recolhida, o eventual padrão seguido na composição (11).

Os cordões que enquadram as faixas impressas podem ser ou lisos (47 e 48) ou preenchidos com pontilhados (14) ou incisões oblíquas (13, 49 e 50) surgindo neste último caso associado a uma canelura larga e funda.

<sup>6</sup> PAÇO, A., BARBOSA, F., SOUSA, J. N. e BARBOSA, F. B., 1959 — Notas arqueológicas da região de Alcobertas (Rio Maior). *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1959, I vol., pp. 281-92, fig. 7.

<sup>7</sup> LEISNER, G. e V. — Contribuição para o registo das antas portuguesas. *O Arqueólogo Português*, tomo II, Nova série, Lisboa, 1953, pp. 230-3 e 251-6, est. II-1.

<sup>8</sup> ARNAUD, J. M., 1968 — fig. 5, n.º 3.

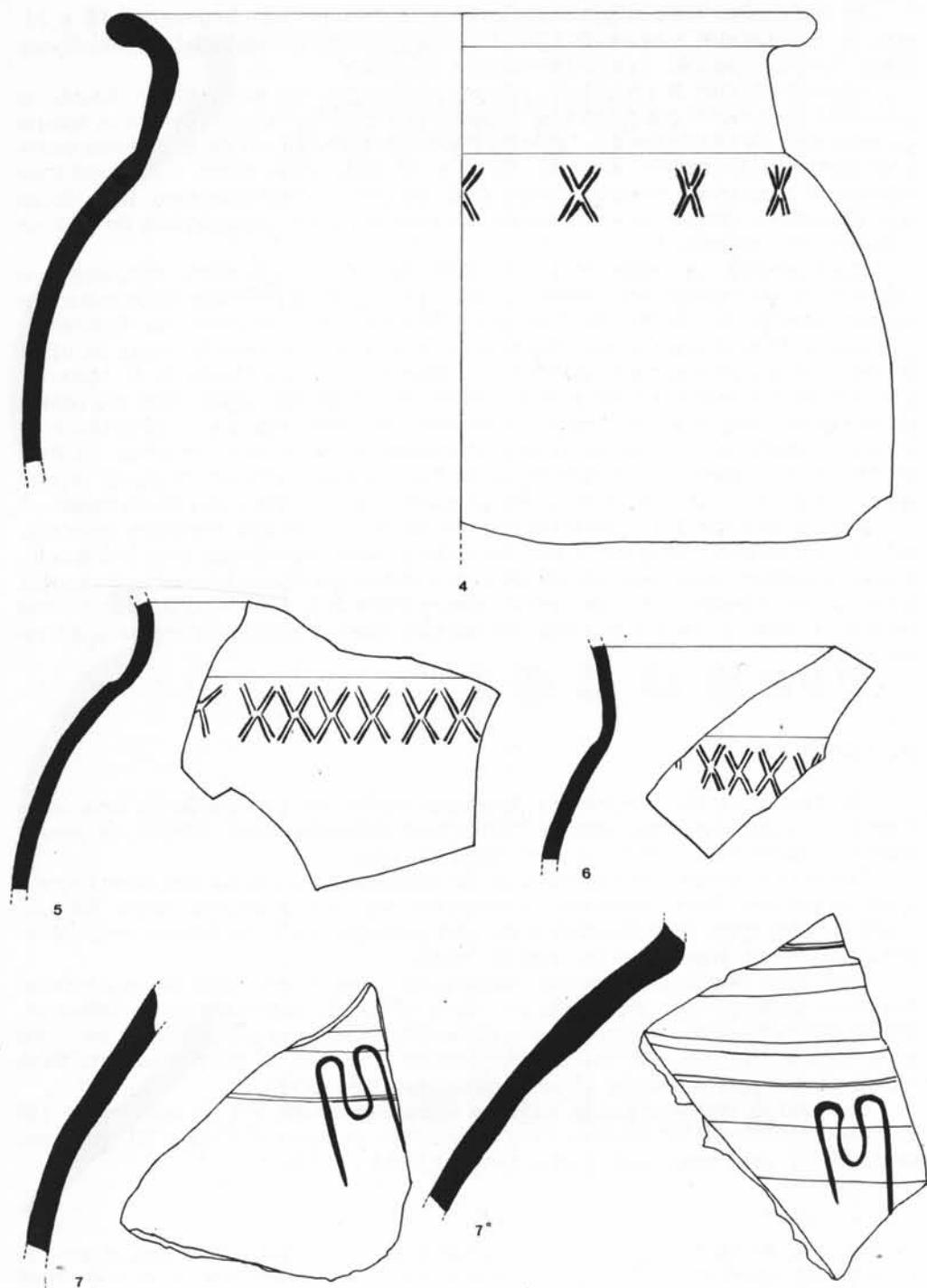


Figura 6

As composições de maior interesse e complexidade verificam-se em resultado da utilização de mais de uma matriz, como acontece nos fragmentos 19 (círculo raiado e pontilhado), 23 (traço e círculo), 52 [palmeta (?) e S], 53 (círculo raiado, S e o que parece ser um «cisne», semelhante aos do Noroeste), 54 (palmeta e S), 55 (duas palmetas de perímetro circular diferentes).

As composições mais complexas e até enigmáticas, que ultrapassam sem dúvida a mera preocupação decorativa ou possessiva para entrarem num simbolismo cuja chave nos escapa, pelo menos por enquanto, verificam-se nos fragmentos 14 e 15, os quais, embora à primeira vista pareçam pertencer a um mesmo vaso, têm suportes diferentes, mas sem dúvida similares, e foram além disso feitos com matrizes (e rodízios) de desenho semelhante, mas de dimensão diversa, embora certamente destinados à obtenção de uma representação simbólica bem determinada, cujo elemento mais estranho é o que surge apenas no fragmento 14, com uma espécie de «antena» ou de forqueta a picotado grosso.

#### IV. FORMAS E TÉCNICAS DE FABRICO DE SUPORTES E DE IMPRESSÃO

A maior parte dos fragmentos de cerâmica de que dispomos é de dimensão tão reduzida que não permite um conhecimento seguro das formas dos recipientes que foram «decorados» (usamos esta expressão corrente com reserva, até uma clarificação do significado e da finalidade presumível da utilização das matrizes) com matrizes estampilhadas. No entanto, a partir dos escassos fragmentos de bordos que permitem uma reconstituição da sua orientação e do diâmetro dos vasos, verificámos que a maior parte destes era de potes esferoidais de bordo saliente e fundo certamente plano, em geral com a estampilhagem sobre a parte superior do bojo, imediatamente abaixo do início do reviramento do bordo, embora se encontrem também outras formas, como a taça acampanada (12) e o vaso tronco-cónico de lados convergentes [61 e 62 (?)].

Mesmo uma aproximação empírica permite mostrar a existência de pelo menos dois grupos bem definidos dentro deste tipo predominante de pote de bordo revirado, diferenciáveis em função da relação técnica de fabrico / motivos decorativos.

Assim, temos os potes de maiores dimensões, como os n.ºs 1, 8, 9 e 10, que chegam a atingir os 50 cm de diâmetro máximo e mais de 30 cm de diâmetro no bocal, cujas paredes têm uma espessura média superior a 1 cm, sempre de pasta muito rija, superfície alisada ou rugosa, com uma coloração castanha-clara ou avermelhada, resultante de uma cozedura oxidante, sendo as matrizes com que foram impressos circulares, simples (9) ou radiadas (8), ou ainda triangulares ou trapezoidais (1 e 10). Embora não possuam qualquer vestígio de bordo, integrámos neste grupo as peças 16, 20, 22, 23, 55, 66, 68, 73, 76, 85, 96, 98, 99 e 100.

Verifica-se assim que este grupo abrange 4 bordos e 22 bojós, totalizando 26% do total de peças estudadas, incluindo 17 com círculos (6 radiados, 2 quadriculados, 2 com dedadas, 2 com unhas e 4 com círculos diversos); 1 com espirais; 3 em escudete; 2 ovalóides; e 3 trapezoidais.

O outro grupo de potes de bordo revirado é constituído por vasos de menor dimensão e espessura, de pasta um pouco menos rija, mas de superfície bem alisada ou até polida, com uma coloração cinzenta-escuro, resultante de uma cozedura redutora, sendo as matrizes com que foram impressos cruciformes (4, 5 e 6) ou em forma de palmeta simples (11), associada a faixas de picotados lineares ou ondulados (15), ou ainda constituídos por simples impressão em aspa (18).

Estamos convencidos de que entre os numerosos fragmentos marcados com palmetas dos mais variados tipos, de superfície polida e pasta cinzenta-escuro, pertenceram a potes deste tipo, mas muitos outros, sobretudo os de paredes mais finas, poderiam muito bem ter pertencido a pequenas taças acampanadas, como a 12.

Verifica-se muitas vezes nos fragmentos integráveis neste último grupo que entre o engobo ou aguada cinzenta-escura sobre a qual por vezes se efectuou o polimento e o núcleo acinzentado há uma fina película avermelhada, que parece indicar uma cozedura prévia, pelo sistema oxidante, embora incompleto, dado que o núcleo permanece cinzento-escuro, e uma aplicação posterior de uma camada de argila fina, mas pouco porosa, cuja coloração resultaria ou do sistema utilizado numa segunda cozedura ou simplesmente da composição do próprio barro do engobo ou aguada, que podia conter substâncias corantes escuras como, por exemplo, a grafite <sup>9</sup>.

O fragmento 61 e talvez até o 62 representam ainda um outro tipo de vaso, provavelmente tronco-cónico, ostentando uma matriz que se aproxima das palmetas.

Depois desta aproximação global, analisando sumariamente os resultados percentuais dos quadros analítico-descritivos, verifica-se que, no que respeita à parte do vaso (A), a esmagadora maioria (85)\* dos fragmentos estudados pertence ao bojo, e apenas 14 ao bordo, havendo ainda 1 com vestígios de asa.

Quanto à técnica de fabrico (na acepção de modelagem) 92 apresentam traços de roda de oleiro, e os restantes 8, sem parecerem feitos sem roda, não apresentam porém os característicos vestígios de roda, tal como acontece com a cerâmica estampilhada de outros povoados do País.

No que respeita à cor do núcleo (C) nota-se uma predominância dos cinzentos, que totalizam no conjunto 72, distribuindo-se os restantes pela gama que vai do castanho ao vermelho, incluindo apenas 1 nitidamente vermelho e 1 arroxeadado, reflectindo, como se poderá ver em I, um predomínio da cozedura redutora ou oxidante incompleta. Analisando a cor das superfícies exterior (D) e interior (E) verifica-se a predominância bem marcada (38 e 35, respectivamente) do cinzento-escuro, logo seguido dos outros cinzentos, totalizando mais de 65. Verifica-se assim, através da análise conjunta das características C, D e E, que apenas um escasso número de vasos recebeu uma cozedura oxidante integral, e que em muitos casos a cor do núcleo é mais clara que a das superfícies, que chegam a atingir mesmo o negro, o que nunca acontece com o núcleo, e que é o resultado da utilização, já referida, de grafite, ou outra substância enegrecente em soluções aquosas de argila, destinadas a formar engobos ou aguadas, que ocorrem com certa frequência, ou só externamente (3 e 13, respectivamente) ou, na maior parte dos casos, interna e externamente (27 e 20, resp.).

Quanto ao tratamento superficial verifica-se uma maior incidência de superfícies alisadas (56) e polidas (24), pois apenas 18 se apresentam rugosas.

Uma das características que surge mais uniformes é a textura (J), que se verifica ser compacta em 93 casos e friável em apenas 7. Se relacionarmos esta característica com a quantidade de desengordurante (K), verifica-se que este surge utilizado com grande equilíbrio, pois só em 5 casos se pode considerar ausente, e apenas em 8 abundante, apresentando-se nos restantes casos como escasso (49) ou médio (38). De facto, se a sua ausência prejudica a consistência, o seu uso em excesso torna a pasta demasiado granulosa e igualmente friável. Aliás, a quantidade do desengordurante é indissociável da sua dimensão (L) e distribuição (M), pois se um predomínio do grão fino ou médio facilita uma distribuição regular, mesmo que este não seja abundante, permitindo-lhe desempenhar a sua função, um desengordurante de grão grosso é mais difícil de distribuir com regularidade, e se é abundante facilita a fria-

<sup>9</sup> SHEPPARD, A. O., 1968 — *Ceramics for the Archaeologist*, Washington, p. 35.

\* Dado que os fragmentos existentes no M.N.A.E. ostentando estampilhagens são atribuíveis a precisamente 100 vasos diferentes, dispensa-se a indicação do símbolo indicativo da percentagem.

bilidade, tornando-se porém ineficaz se for pouco abundante. No que respeita à sua natureza mineralógica (N), na maior parte dos casos estabelecida em termos de predominância, e a olho nu, verifica-se um predomínio aparente do micáceo (41), logo seguido do quartzoso (35) e do quartzoso-micáceo (14). Porém, na prática, é muitas vezes difícil determinar se a componente micácea (ou outra) foi acrescentada intencionalmente pelo oleiro ao barro, sendo um desengordurante propriamente dito, ou se é apenas matéria não plástica que já se encontrava misturada com a argila quando o oleiro a recolheu. Se a mesma dúvida se pode pôr em relação a outras matérias não plásticas, incluindo o quartzo, este mineral parece porém mais susceptível de ter sido intencionalmente adicionado, dada a sua maior abundância e eficácia.

No que respeita à espessura das paredes (O), 66 casos situam-se entre os 2 e os 7 mm, 19 entre os 10 e os 11 mm, e apenas num caso é inferior a 4, e em 8 superior a 11, atingindo num caso o máximo valor (19 mm).

Finalmente, o diâmetro, que só pôde ser avaliado com um mínimo de probabilidade em 53 casos, e com algumas reservas em 4, mostra um predomínio dos valores entre os 20 e os 29 cm (22), seguido do escalão 10-19 (15), totalizando os casos entre 30 e 49 apenas 14. O diâmetro mínimo registado foi de 11 cm e o máximo de 66 cm.

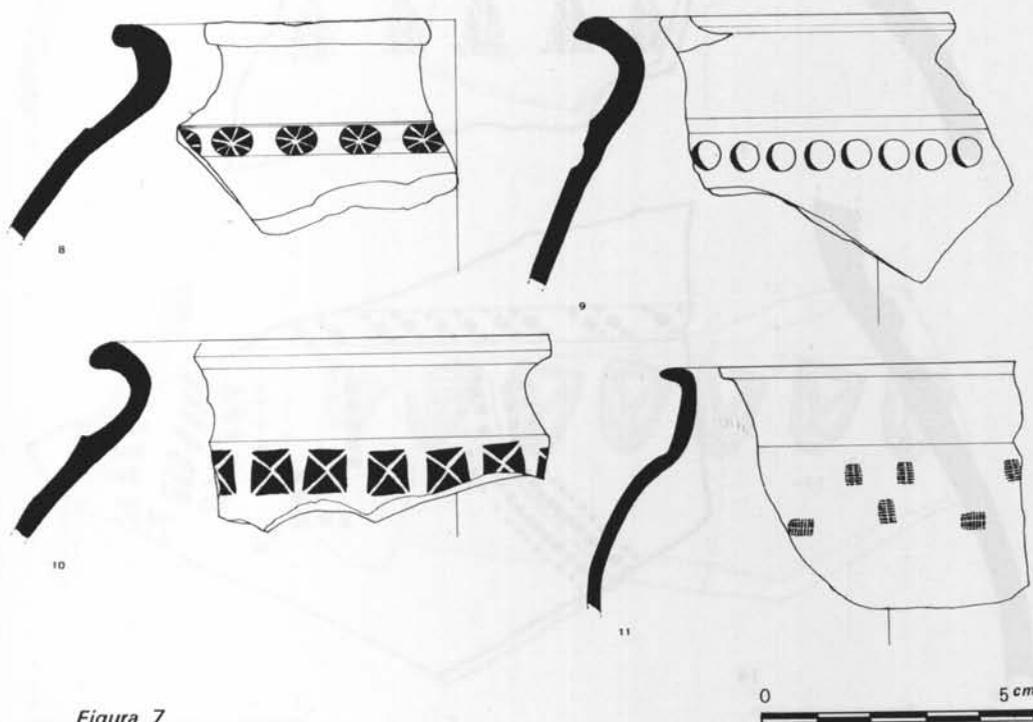
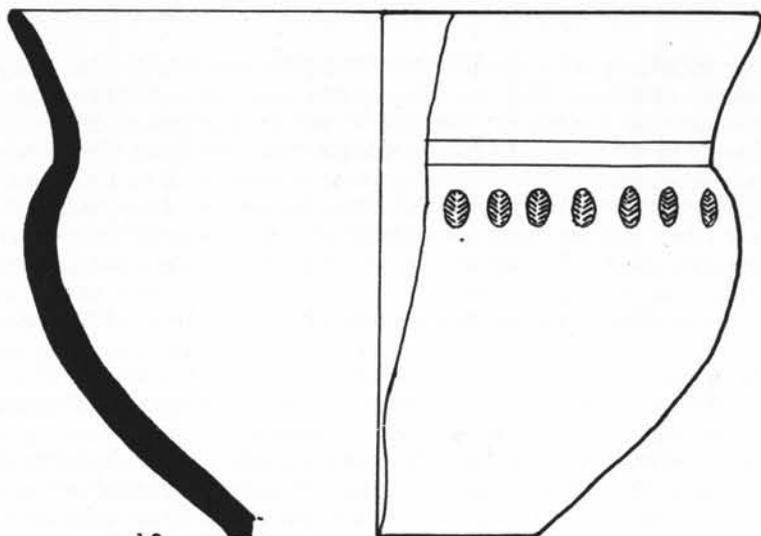
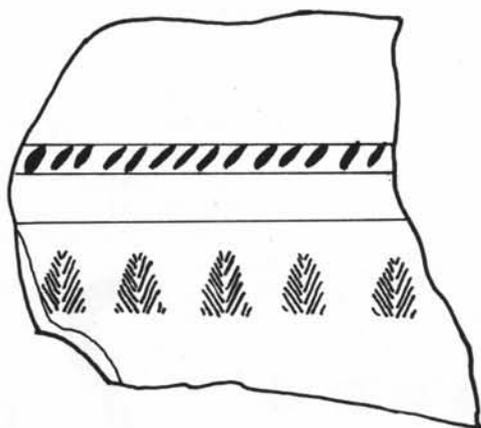


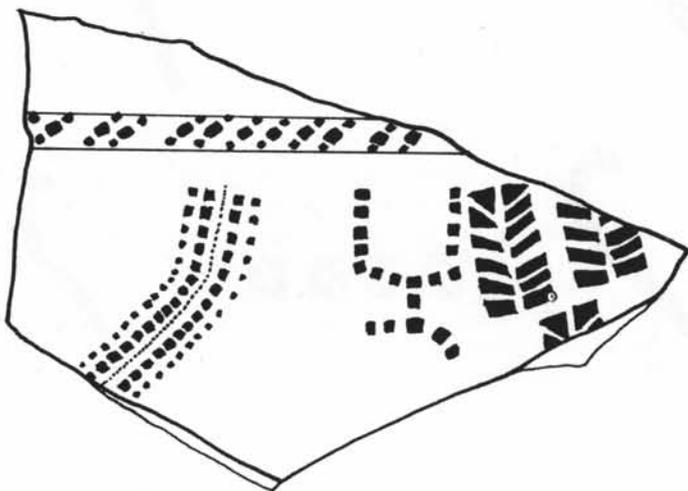
Figura 7



12



13



14

Figura 8



## V. PROVENIÊNCIA

As restantes informações constantes dos quadros referem-se ao número de peças com número de catálogo (Q), que são apenas 23, e às cotas a que foram encontradas (R), verificando-se que apenas 24 têm essa indicação, a qual, sendo muito insuficiente, dada a inexistência da indicação do sector escavado numa planta do castro, e de dados estratigráficos reais, não deixará de ser analisada.

Assim, apesar de apenas cerca de um quarto possuírem indicação da profundidade a que foram encontrados, se analisarmos os tipos de pasta e de matriz das peças atribuídas a cada camada arbitrada de 0,25 m, verificamos que nos níveis inferiores

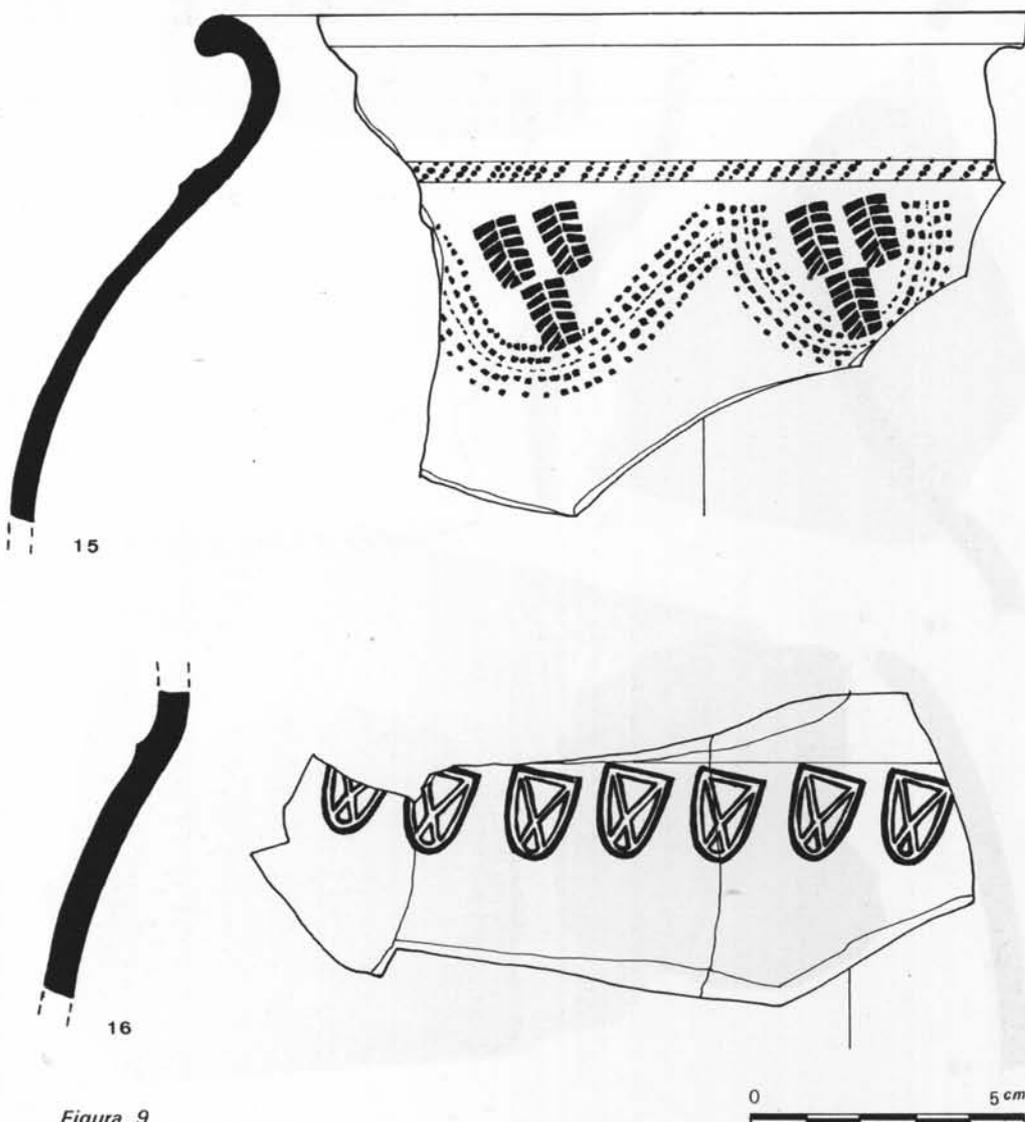


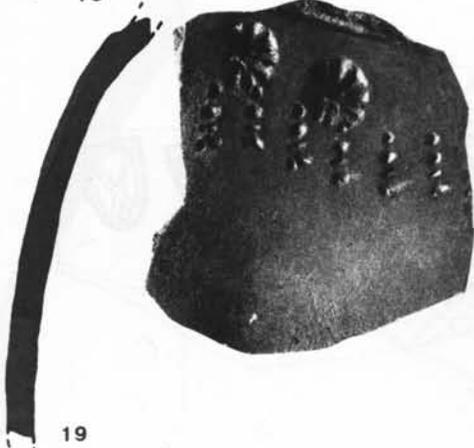
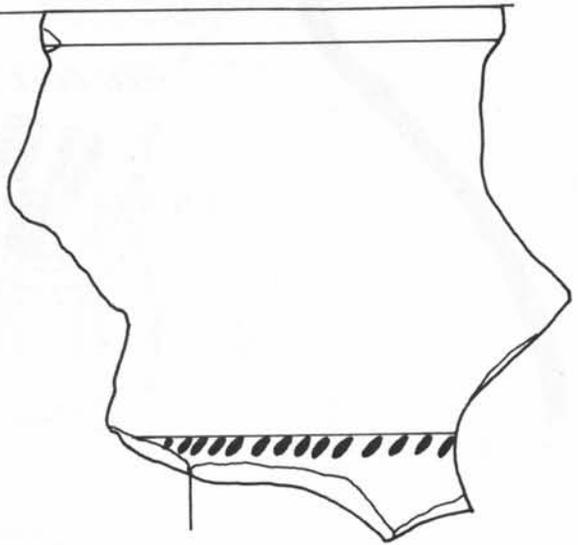
Figura 9



17



18



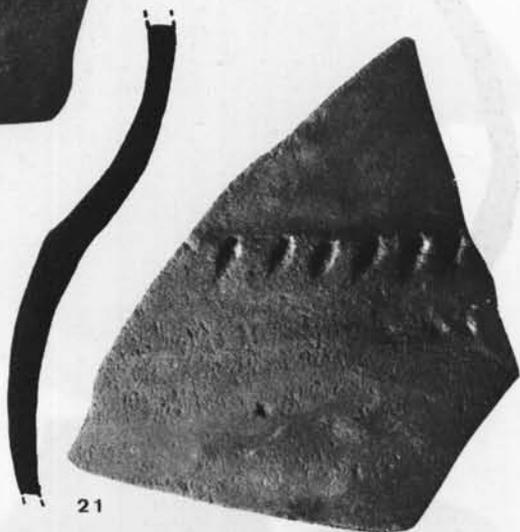
19



Figura 1



20



21



22

Figura II



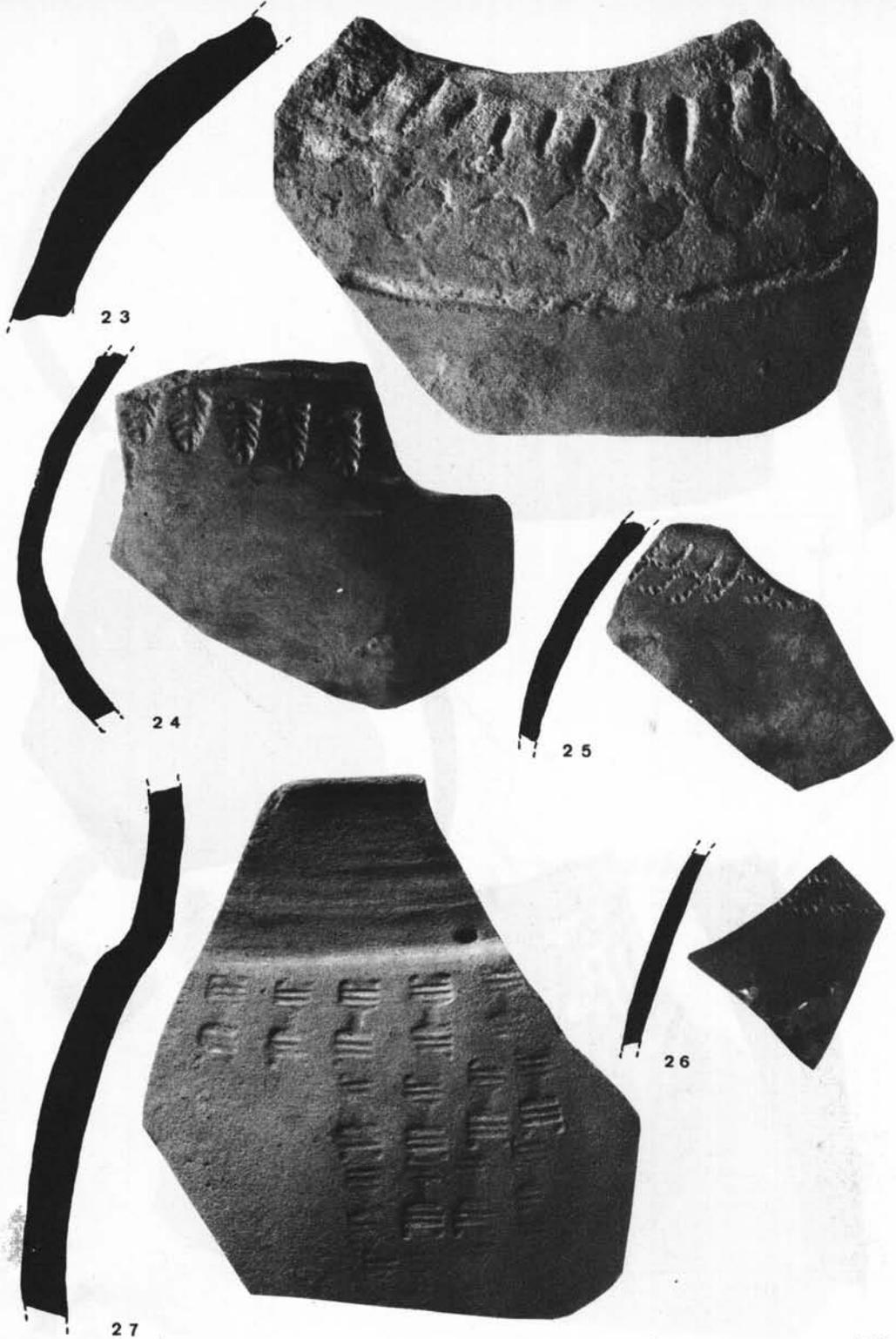


Figura III

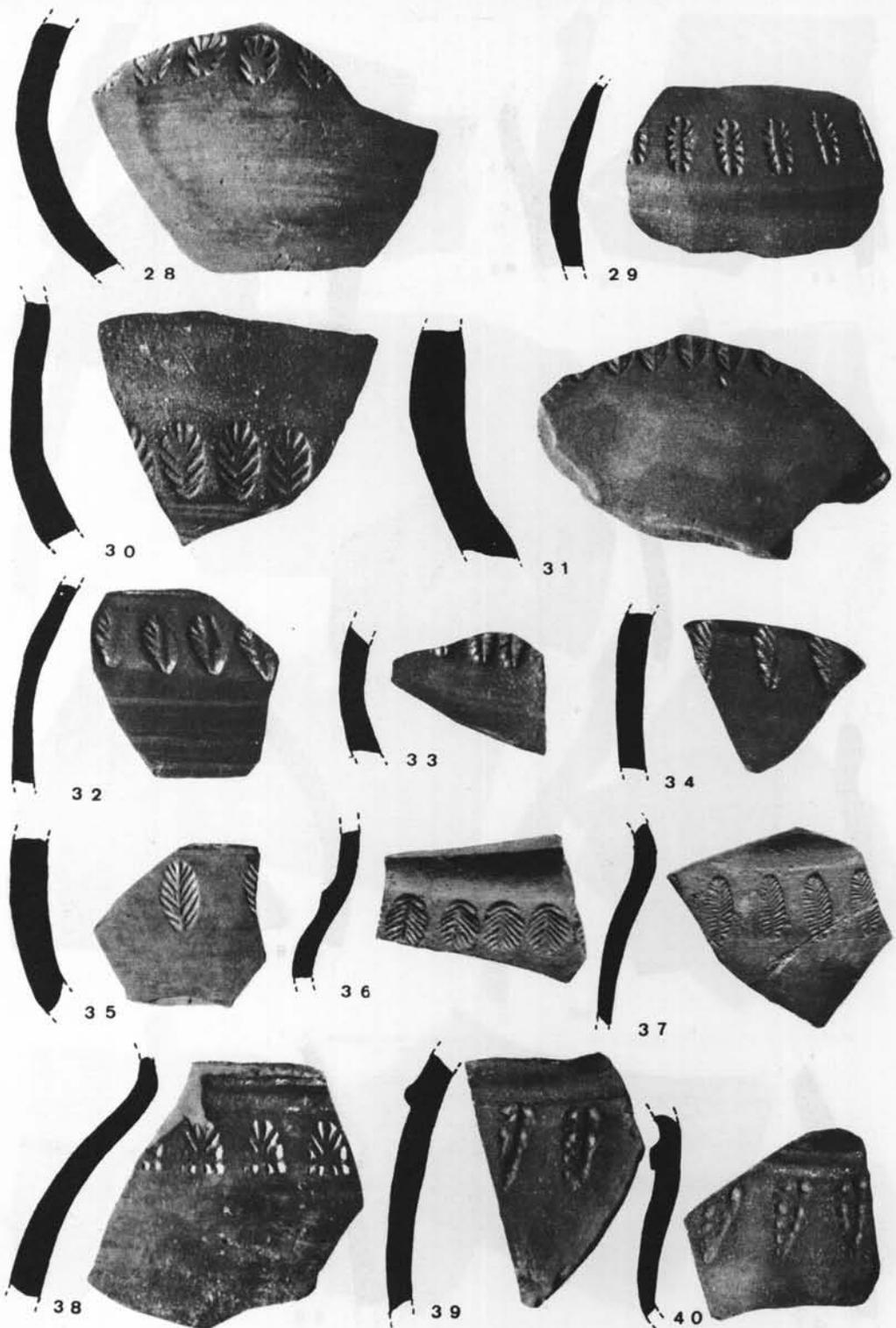


Figura IV



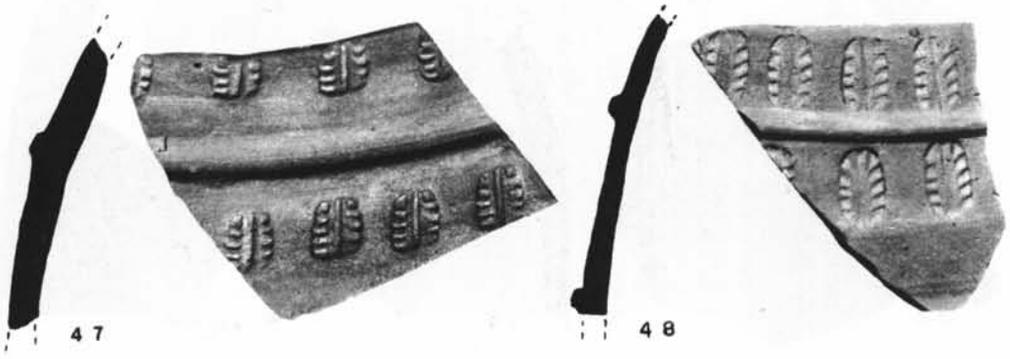
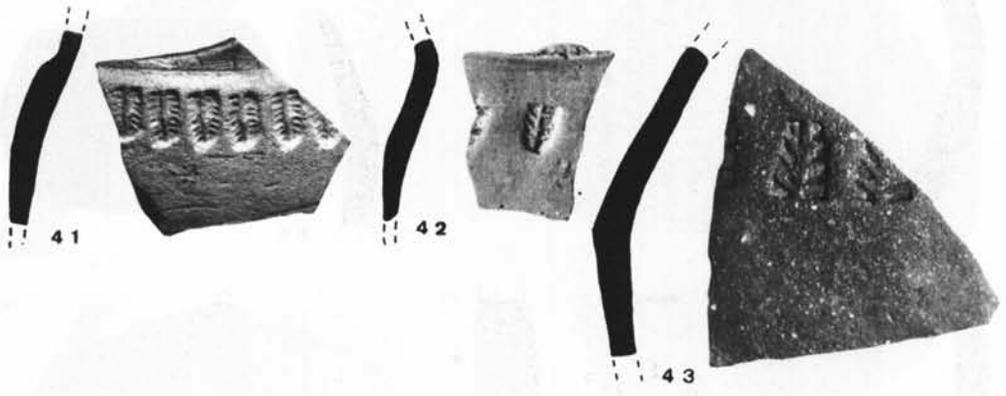


Figura V



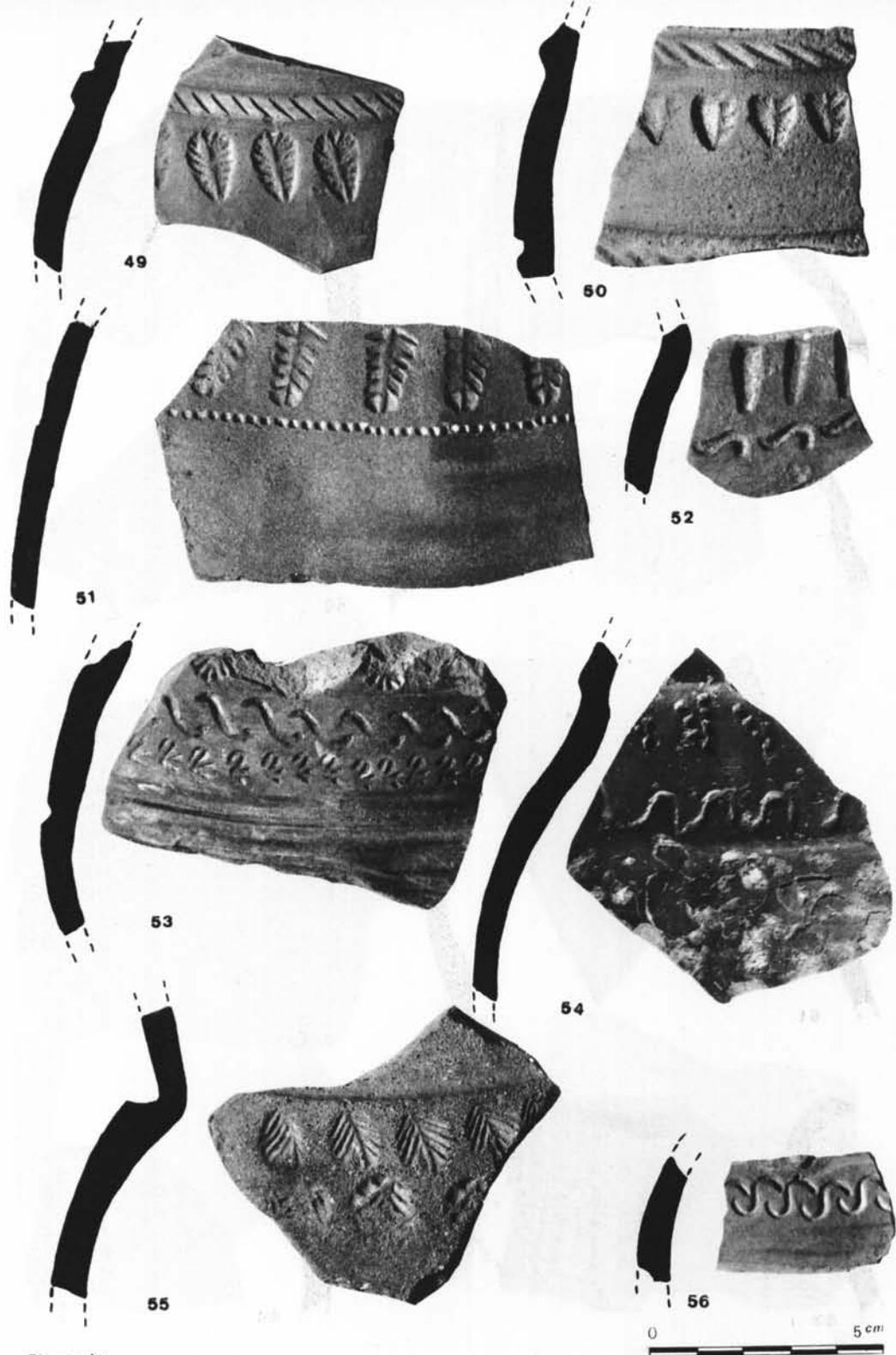
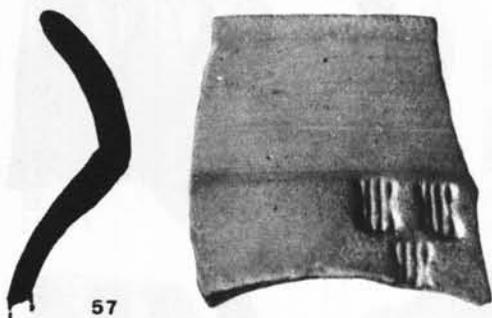
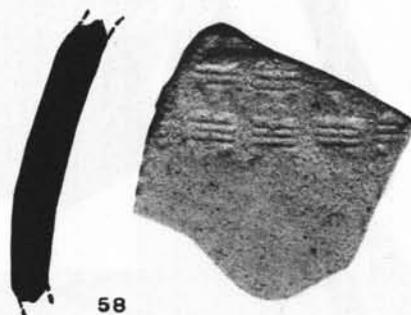


Figura VI.



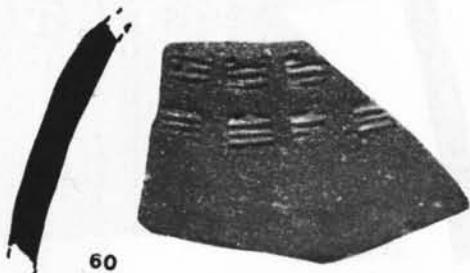
57



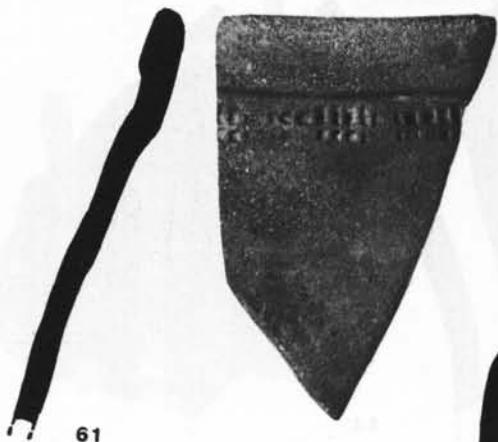
58



59



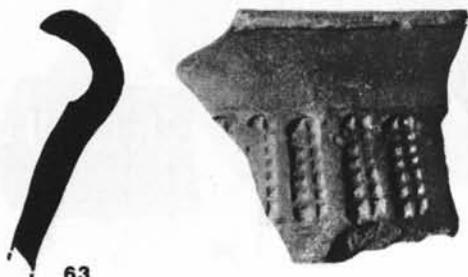
60



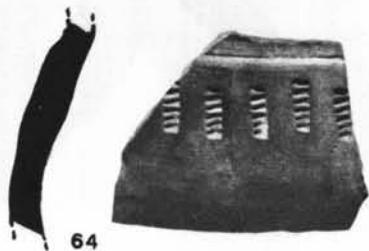
61



62



63



64

*Figura VII*

0 5 cm



Figura VIII

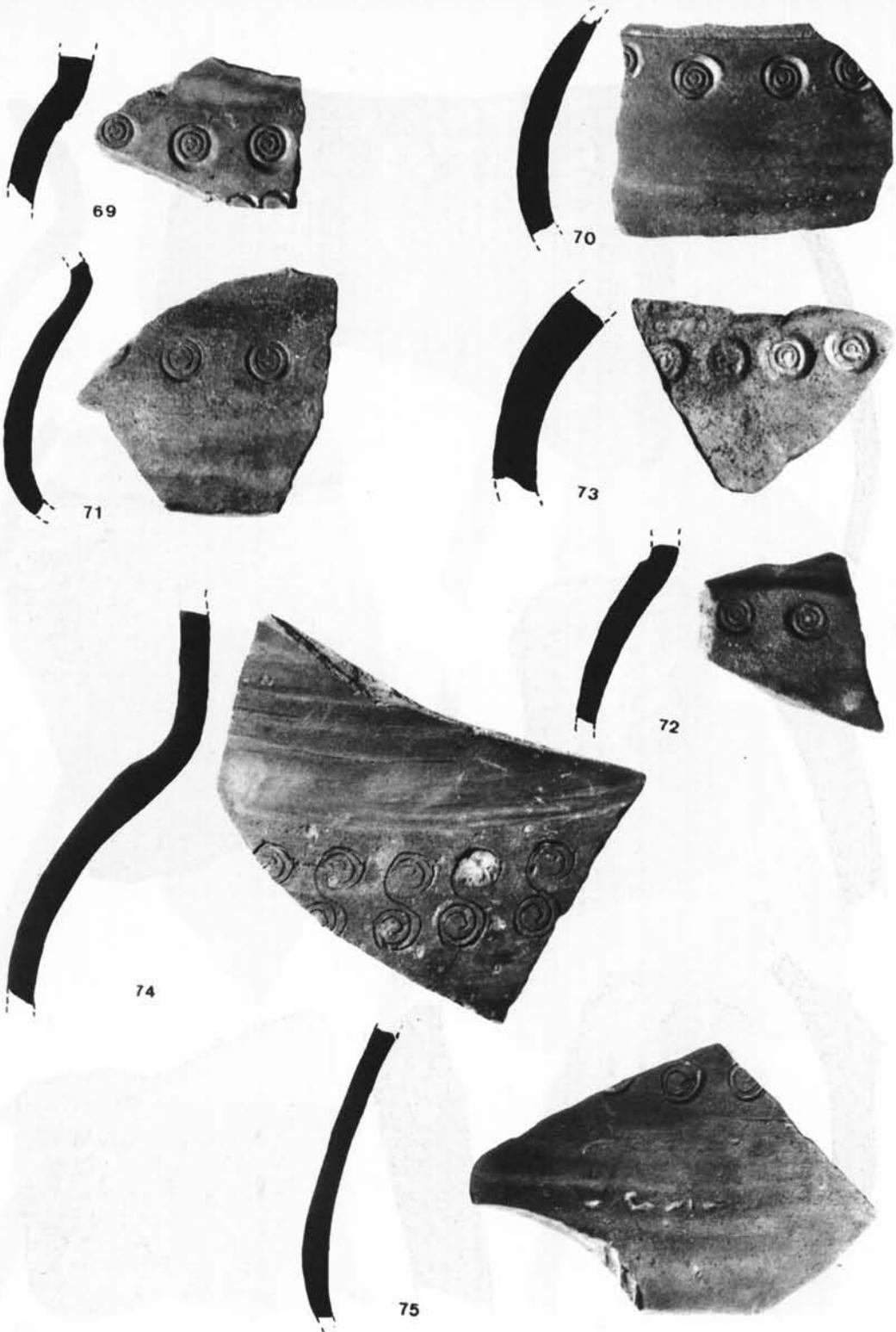


Figura IX

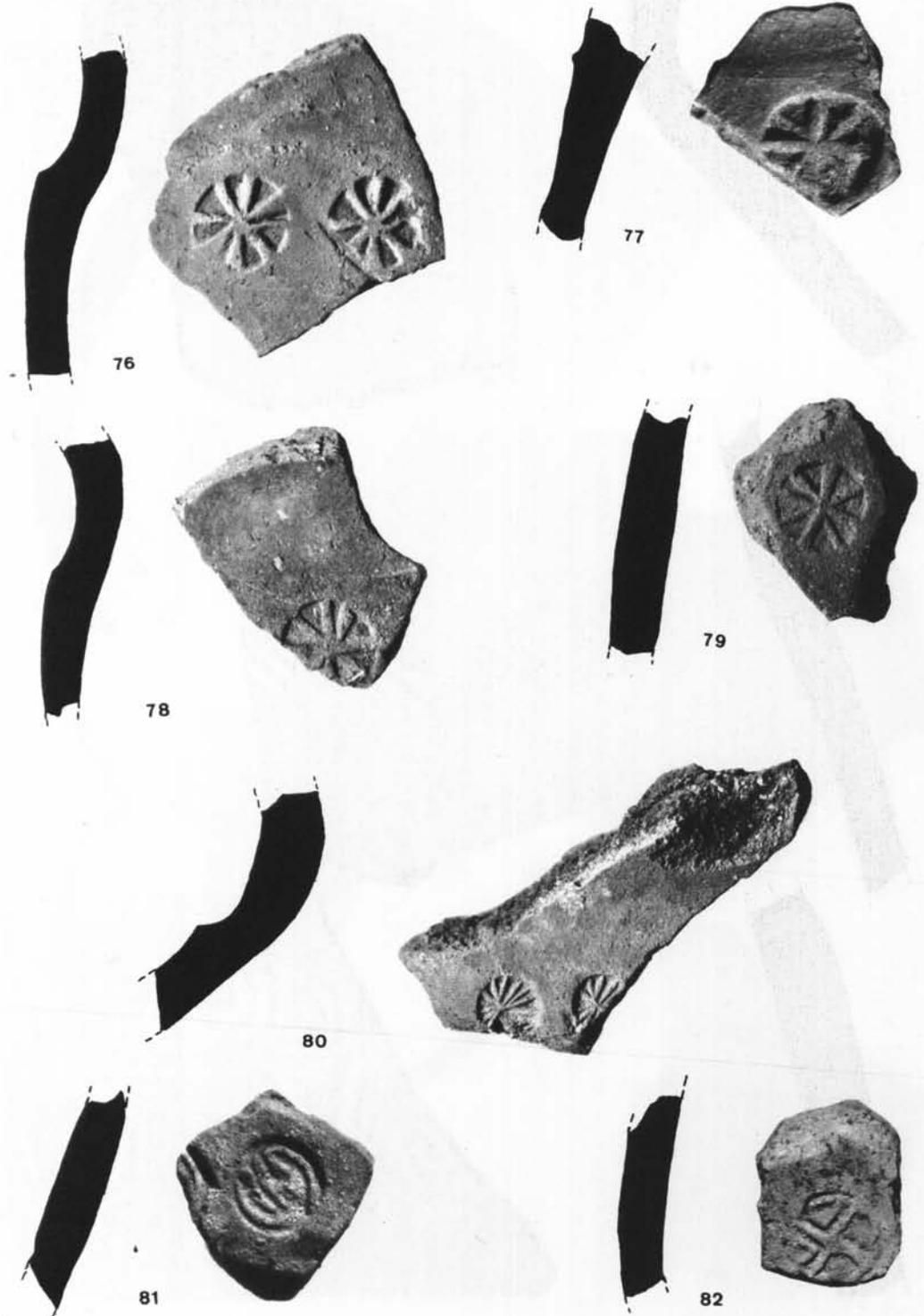


Figura X

0 5 cm



83



84



85



Figura XI



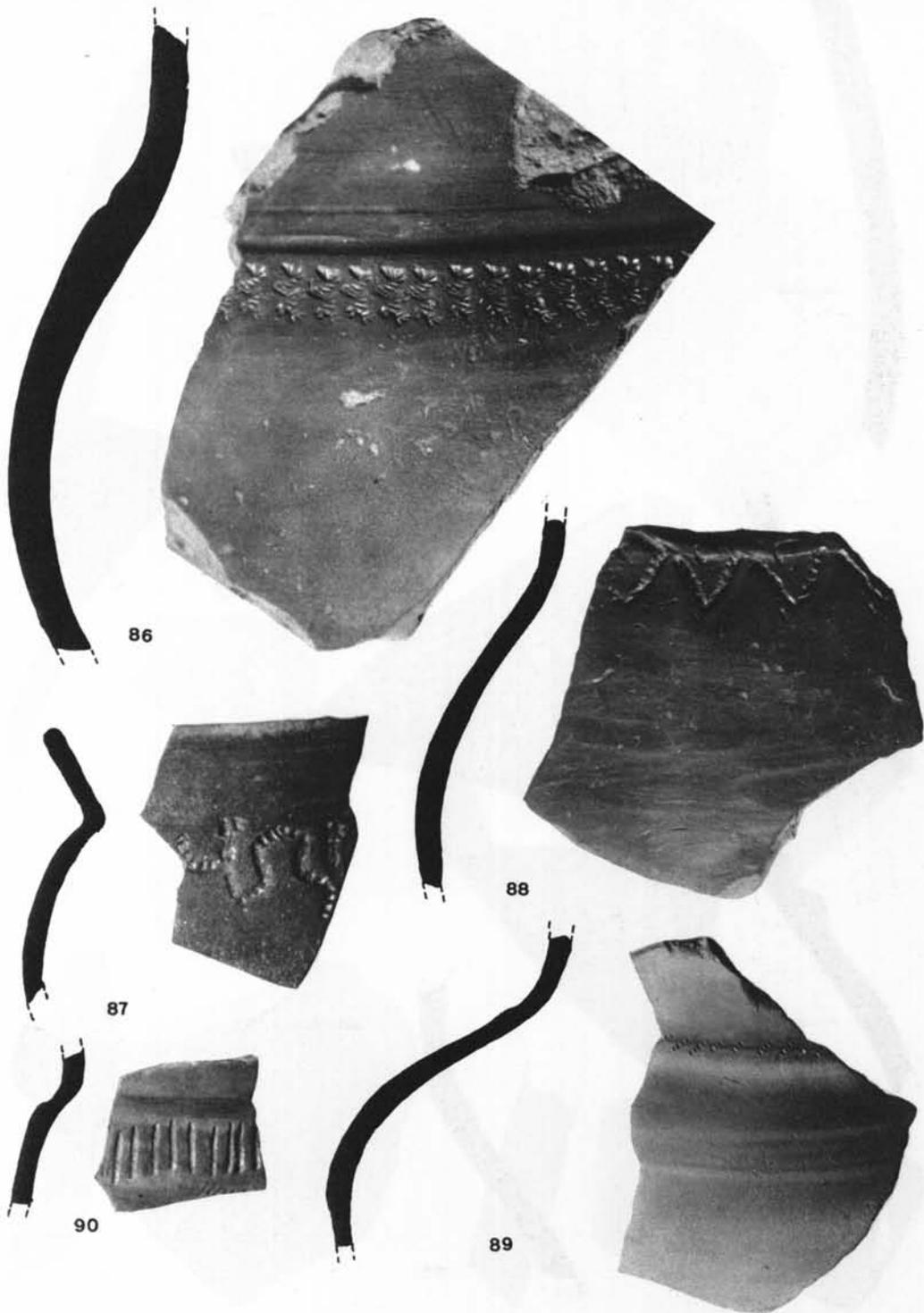


Figura XII

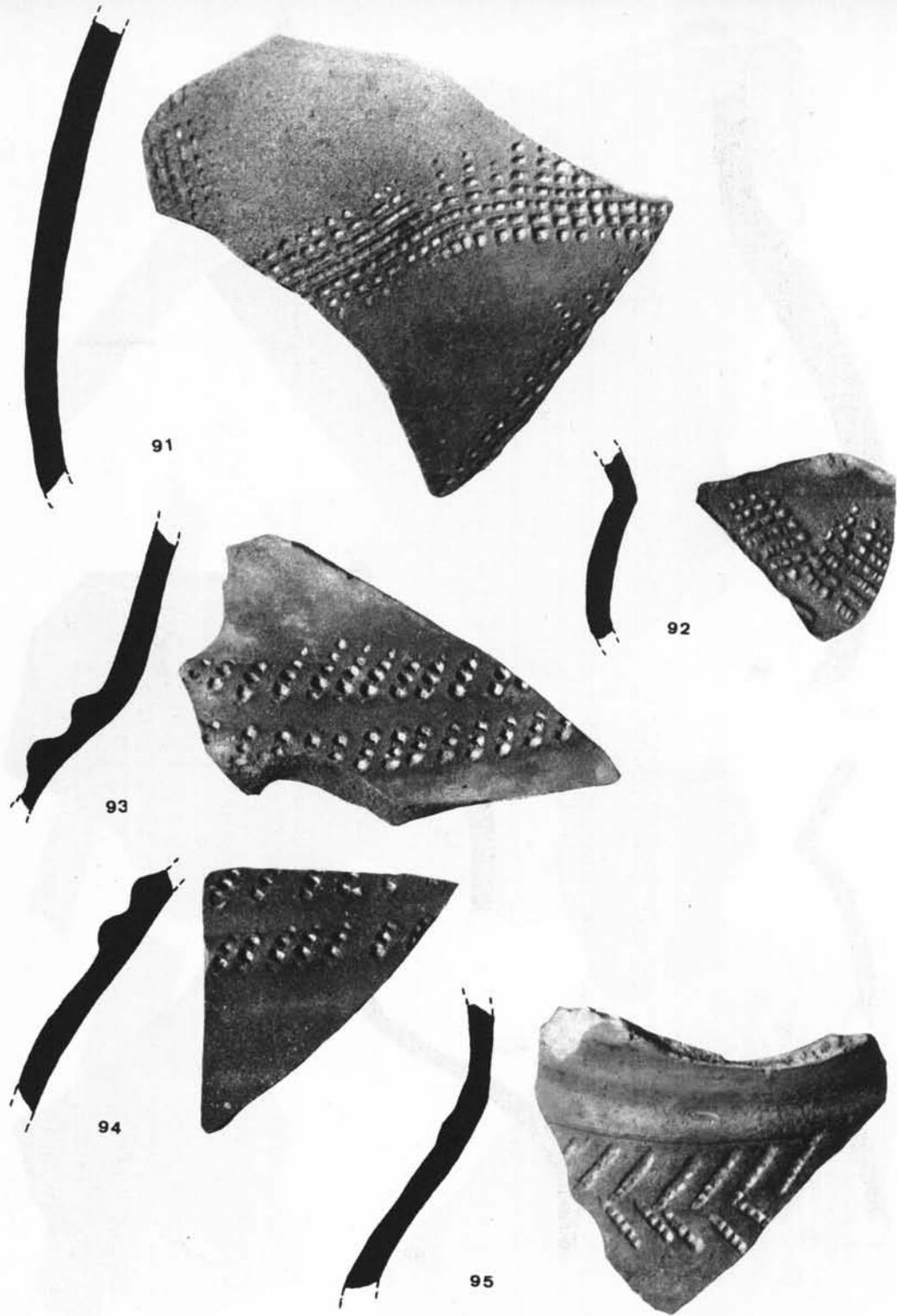


Figura XIII



Figura XIV



A - Carta de distribuição, com indicações das vias prováveis de penetração das cerâmicas estampilhadas

(1,00-1,25 e 0,75-1,00 m) escasseiam as cerâmicas estampilhadas, apenas representadas por matrizes circulares, simples ou radiadas (n.ºs 2, 9 e 8). Tal escassez poderá no entanto ser o resultado de uma escavação de menor amplitude nas zonas mais profundas. Aliás, nos dois castros desta região em que já fizemos escavações, Castelo Velho de Veiros e Segóvia, conforme se refere mais adiante, encontramos uma potência estratigráfica igual ou superior a 3 m, o que poderá indicar a existência de estratos mais profundos na Cabeça de Vaiamonte. Infelizmente não conseguimos nenhuma informação no M.N.A.E. acerca destas escavações que pudesse confirmar ou infirmar tal suposição.

Continuando a analisar a distribuição em profundidade destas cerâmicas, verificamos que na camada arbitrada intermédia, entre 0,50 e 0,75 m, já se encontram mais exemplares, predominando ainda os de matrizes circulares e pasta acastanhada ou avermelhada, mas aparecendo já uma palmeta grande (15). Finalmente, na camada superior (0,25-0,50 m), embora predominem ainda as matrizes circulares sobre pasta clara, surgem em pleno desenvolvimento as palmetas pequenas, finamente gravadas (4, todas diferentes), lado a lado com três pontilhados diferentes.

Embora tenhamos consciência da escassez da informação disponível no que respeita à cronologia relativa destas cerâmicas, os poucos elementos que possuímos de outras estações parecem confirmar a tendência evolutiva esboçada no parágrafo anterior, das matrizes circulares, em vasos de grande dimensão e pasta clara, resultante de uma cozedura oxidante, para matrizes em palmeta ou pontilhado, sobre pequenas taças de paredes delgadas e pasta acinzentada e polida, resultante de uma aguada escura ou de uma cozedura redutora.

## VI. OUTRAS ESTAÇÕES DO SUL DE PORTUGAL COM CERÂMICAS ESTAMPILHADAS

### 1. GRUTA DA NASCENTE DO ALMONDA (Zibreira, Torres Novas)

Gruta com vários períodos de utilização, quer como necrópole, quer como habitação, do Neolítico Antigo até à Idade do Ferro, incluindo 2 fragmentos de potes com impressões de dedadas, um com unhas e dois com palmetas.

Colecção: Serviços Geológicos de Portugal.

Bibliografia: PAÇO, A. do, M. VAULTIER e G. ZBYSZEWSKI — Gruta da nascente do rio Almonda, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XI, 1-2, Porto, 1947, pp. 185-7, est. XI.

### 2. SAFARA (Arronches)

Povoado situado num pequeno cabeço com enormes afloramentos graníticos e sem vestígios de muralhas, no qual se encontram vestígios que vão do Paleolítico à Época Romana, entre os quais se contam cerâmicas com palmetas, quadrados, SSS e pontilhados oblíquos.

Colecção: Macartney (Caia de Urra, Portalegre)

### 3. BALDIO (Arronches)

Povoado com características e ocupação semelhante ao de Safara, no qual se encontraram fragmentos «decorados» com palmetas e círculos radiados.

Colecção: Macartney.

#### 4. CABEÇA DE VAIAMONTE (Monforte)

Poderosa fortificação que parece ter várias linhas de muralhas, com vestígios de ocupação sobretudo da Idade do Ferro. Além da cerâmica campaniense, estudada por Manuela Delgado, foram recentemente publicadas as moedas ibéricas e a maior parte das fíbulas.

Colecção: M.N.A.E.

Bibliografia: VASCONCELOS, J. L. 1927-29 — Antiquidades do Alentejo, X, Cabeça de Vaia-  
monte, *O Archeologo Português*, XXVIII, pp. 183-5.

DELGADO, M. 1971 — Cerâmica Campaniense em Portugal, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, v. II, Coimbra, pp. 403-420.

SANTOS, M. F. 1972 — Moedas hispânicas recolhidas na Cabeça de Vaia-  
monte, *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, 21, pp. 493-511.

*Idem* 1973 — Fíbulas recolhidas na Cabeça de Vaia-  
monte, *Anais da A.P.H.*, II Série, 22, pp. 189-201.

#### 5. SEGÓVIA (Elvas)

Fortificação da Idade do Ferro, romanizada, com duas linhas de muralhas, As escavações dirigidas por um dos signatários em colaboração com o Prof. J. D. Evans em 1972 revelaram a existência de vários níveis de habitações rectangulares sobrepostas, com uma potência estratigráfica de cerca de 4 m.

Além de cerâmicas pintadas ibero-púnicas e de campanienses, que surgem desde os níveis médios, e até de «sigillatas», que surgem nos níveis superiores, de plena romanização, encontraram-se inúmeras cerâmicas «indígenas», de entre as quais se destacam as estampilhadas com matrizes predominantemente rectangulares, de grande dimensão, embora também haja algumas com matrizes triangulares, circulares, em escudete, mas nenhuma em palmeta. Particular interesse tem um fragmento com um escudete envolvendo um cavalo em corrida. Reflectindo uma fusão das influências céltica e ibérica, destaca-se um fragmento de vaso com faixas largas pintadas a grená, ostentando uma impressão de matriz quadriculada, finamente gravada.

Colecção: Macartney (Caia de Urra, Portalegre); Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa.

#### 6. CASTELO VELHO DE VEIROS (Estremoz)

Povoado fortificado da Idade do Ferro, romanizado em meados do século III a.C., no qual se obtiveram os primeiros dados estratigráficos para a Idade do Ferro e a romanização desta região, num corte com uma potência estratigráfica de 3 m. De entre o espólio recolhido destacam-se diversos fragmentos de cerâmicas estampilhadas, 2 com palmetas, 1 rectangular, preenchido com fina quadricula, 1 trapezoidal, outro circular, todos recolhidos à superfície, e ainda 1 com pontilhado oblíquo, 2 com matriz cruciforme, no nível de romanização, e um outro, com matriz subquadriculada, num dos estratos puramente da Idade do Ferro.

Colecção: Museu Municipal de Estremoz.

Bibliografia: ARNAUD, J. M. 1968 — «Castelo Velho» de Veiros (Estremoz), *Revista de Guimarães*, LXXVIII, pp. 61-76.

ARNAUD, J. M., 1970 — O «Castelo Velho» de Veiros - Campanha preliminar de escavações de 1969, *Actas das I Jornadas Arqueológicas da A.A.P.*, vol. I, pp. 311-322.

## 7. CHIBANES (Palmela)

Povoado fortificado com um período de ocupação que vai do Neolítico à Época Romana. De entre o material atribuível à Idade do Ferro destacam-se vários fragmentos de cerâmica estampilhada, com matrizes circulares, rectangulares e triangulares.

Colecção: M.N.A.E.

Bibliografia: A. I. MARQUES DA COSTA — Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Apontamentos para o seu estudo — Castro de Chibanes, *O Arch. Port.*, XI, XIII e XV, pp. 1906-8-10.

## 8. LAPA DO FUMO (Sesimbra)

Gruta com níveis de ocupação do Neolítico em diante, até à época de domínio muçulmano, em que se encontraram dois fragmentos de cerâmica impressa com uma matriz muito pequena, que lembra a forma de uma abelha.

Colecção: Gustavo Marques, Lisboa.

Informação do Dr. Eduardo C. Serrão, que muito agradecemos.

## 9. CERRO FURADO (Baleizão, Beja)

Castro situado junto do Guadiana, onde se encontraram dois fragmentos de cerâmica estampilhada, sobre pasta clara, um com matriz em forma de ferradura, o outro com pelo menos duas fiadas de círculos concêntricos de grande diâmetro.

Materiais amavelmente cedidos para estudo aos signatários pelos Drs. Clara Vaz Pinto e Rui Parreira.

## 10. CASTRO DO SAFAREJO (Moura)

Ampla fortificação da Idade do Ferro, dominando o Ardila, na qual se recolheram à superfície cerâmicas impressas com matrizes em palmeta, em dupla espiral, bitriangulares.

Materiais amavelmente cedidos para estudo aos signatários pelo Eng.º António Monge Soares.

## 11. MONTE MONTEL (Entradas, Castro Verde)

Fortificação da Idade do Ferro, situada junto da ribeira de Cobres, na qual os signatários recolheram à superfície, em companhia dos Drs. Maria e Manuel Maia, diversos fragmentos de cerâmica estampilhada, com palmetas e círculos raiados.

## 12. MESA DOS CASTELINHOS (Santa Clara a Nova, Almodôvar)

Ampla fortificação da Idade do Ferro, na qual os signatários recolheram à superfície, com os Drs. Maria e Manuel Maia, diversos fragmentos estampilhados, predominantemente de motivos circulares, concêntricos ou radiados, em suporte castanho-claro ou avermelhado.

Bibliografia: VASCONCELOS, J. L. — Excursão pelo Baixo-Alentejo, 1897. *O Archeólogo Português*, XXIX, Lisboa, 1933, p. 243.

Uma análise da distribuição geográfica deste tipo de cerâmicas mostra uma maior concentração no Alto Alentejo oriental, o que não é de estranhar, se pensarmos que é também essa a zona a sul do Tejo onde se encontraram até hoje mais povoados da Idade do Ferro. Esta facto não deverá porém ser sobrevalorizado, pois é bem sabido quão illusórias podem ser as cartas de distribuição de achados e estações, enquanto não dispusermos de um levantamento sistemático do País, da já mirífica e sebastiânica «Carta Arqueológica», arriscamo-nos a confundir a distribuição dos arqueólogos com a distribuição das populações pré e proto-históricas.

Aliás, casos recentes têm mostrado com clareza as profundas alterações verificadas nas cartas de distribuição de achados de determinada época ou tipo em resultado da actuação em áreas bem delimitadas de equipas arqueológicas mais ou menos permanentes.

Assim, no estado actual dos nossos conhecimentos, essa concentração de cerâmicas estampilhadas no Alto Alentejo oriental, se bem que evidenciada pela intensificação recente das prospecções nessa área, quer pelos signatários, quer pelos Macartney, não deixa certamente de reflectir a existência de um importante núcleo de irradiação de influência céltica, originária da Meseta Central e alargada à sua orla meridiano-ocidental, influência essa que depois se teria dispersado, com inevitável enfraquecimento, por duas vias fundamentais, uma pelo interior, ao longo do Guadiana, até à serra algarvia, onde a sua penetração teria sido dificultada pelos Cónios ou Cinetas, outra em direcção ao litoral atlântico, onde a influência de outros povos, de origem mediterrânica, por via marítima, terá igualmente dificultado a penetração cultural, económica ou étnica dos *celtici*.

## VII. CONCLUSÃO

A origem deste tipo de cerâmica encontra-se associada ao domínio céltico da Península Ibérica e intimamente relacionada com os povos que então se movimentaram.

A primeira expansão celta, em cerca de 800 a.C., também conhecida pela cultura dos campos de urnas, deu-se radial e simultaneamente para ocidente (Itália, França, Catalunha, Navarra), para o norte (alcançando o Elba e a Jutlândia) e para noroeste (as Ilhas Britânicas), e trazia consigo, nesta força de expansão, o germe da sua decadência, como em breve se verificaria com a recuperação territorial dos povos germanos. De facto, em 700 a.C., os povos celtas da bacia do Reno, Hólanda e Vestefália são deslocados para ocidente devido à pressão dos povos germanos, vindos a espalhar-se por todo o território da Europa Ocidental, dando-se assim uma primeira deslocação de povos celtas que penetram na Península Ibérica nela se fixando. É a chegada dos Cempsos acompanhados de alguns povos germânicos, os Germani e os Cimbri, de que é exemplo a cultura das urnas de Alpiarça<sup>10</sup>. A estes se associaram os Palendones com a sua cultura hallstática arcaica e cerâmica decorada excisa, que nos aparece em Las Cogotas I, em formas de cerâmica excisa de fabrico manual<sup>11</sup>.

Cabré Aguiló classifica, porém, do final do período hallstático persistindo ainda durante o período de La Tène II<sup>12</sup>. A forma mais característica desta cerâmica é o célebre «cuenco», de origem argárica, mas que aqui sofre uma modificação: adopta a base plana e os bordos abrem-se para o exterior em vez de se fecharem para o interior. A decoração em pente é por punção e em geral fina e pouco profunda, apresentando, em algumas formas, decoração a ponteados ou pequenos olhos<sup>13</sup>.

Durante o século VII chegariam à Península outros povos, os Sefes, os Turones e os Nemetes do Reno e Centro da Alemanha, que arrastam consigo tribos celtas francesas, como os Lingones, e cujos vestígios serão encontrados em Las Cogotas e Areneros II. Com eles viriam ainda os Eburones origem do topónimo de Évora<sup>14</sup>. Corresponderia assim a um tipo de cerâmica decorada com símbolos solares, de fabrico manual, e seguindo a forma tradicional do «cuenco». Apresenta ainda vasos decorados com mamilos, galões incisos, e embutidos constituídos por discos de cobre ou anéis de ambar<sup>15</sup>.

Os movimentos germânicos pressionando as tribos celtas da Bélgica ocasionaram no século VII mais movimentos e deslocações de povos celtas, e os Belgas penetram na Península até à Extremadura e extremo sul da Sierra Morena (os Turones na provincia de Huelva). Os Cempsos que se tinham fixado na Extremadura espanhola, Alentejo e Algarve, destacando-se na provincia de Jaen, correspondem aos achados arqueológicos de sepulturas de guerreiros com tampa gravada, que aparecem nestas regiões, mas não penetraram mais a sul em territórios dos Tartésios ou dos Cónios, nem a norte da serra da Estrela, em território dos Sefes.

A reestabilização dos povos peninsulares verifica-se depois da chegada e estabelecimento dos Belgas a partir do século VI e corresponderá a formas culturais de La Cogotas II, da cultura castreja da Galiza e de Portugal, das jóias e esculturas de Bronze, de que são exemplo o célebre diadema áureo de Ribadeo (Astúrias) e o ginete com lança de Almorchon (Badajoz).

A cultura castreja da Galiza e de Portugal surge depois da estabilização dos movimentos pré-belgas e nas regiões ocupadas por estes dá-se uma assimilação à cultura belga. Numância mantém largos traços da cultura hallstática dos Palen-

<sup>10</sup> BOSCH GIMPERA, P. — *Prehistoria de Europa*, Cap. XLII, Madrid, 1975.

<sup>11</sup> BOSCH GIMPERA — *opus cit.*

<sup>12</sup> CABRÉ AGUILÓ, J. — *Excavaciones de Las Cogotas*, Mem. 110, *J. S. Ex. Ant.*, Madrid, 1930.

<sup>13</sup> CABRÉ AGUILÓ, J. — *opus cit.*

<sup>14</sup> BOSCH GIMPERA, P. — *opus cit.*

<sup>15</sup> CABRÉ AGUILÓ, J. — *opus cit.*

tones na sua cerâmica policroma zoomórfica, anterior à conquista da cidade pelos Arévacos no século III. A substituição dos habitantes de origem palendone pelos de origem arévaca é comprovada estratigraficamente no povoado fortificado de Castillejo de Fuensauco<sup>16</sup>.

Segundo Bosch Gimpera<sup>17</sup> os Arévacos não são mais do que a evolução das tribos belgas em contacto com os Iberos peninsulares e que num movimento de retrocesso ocupam Numância no século III. Para Wattenberg<sup>18</sup> os Arévacos são de origem danubiana, das tribos celtas da Baviera e da província de Salzburg, que atingem uma civilização brilhante, enquanto a expansão celta se enfraquecia, à medida que se afastava do seu centro até à Jutlândia. Estes celtas terão penetrado na Península Ibérica em cerca de 400 a.C., sendo referenciados nas fontes históricas romanas como Vacceos e Arévacos, e participando nas campanhas de Aníbal ao Douro em 220 a.C. Esta teoria é partilhada por Cabré Aguiló e Gomes Moreno, Maluquer de Motes e Menendes Pidal na Filologia<sup>19</sup>, e também por Savory<sup>20</sup>.

A conquista de Numância pelos Arévacos vem, segundo Wattenberg, trazer uma inovação na decoração das cerâmicas, com a introdução das estampilhas, e no seu fabrico com a roda.

A sua importância é pudermos considerar este tipo de cerâmica tipicamente celtibero e situá-lo num espaço temporal de 320 a.C. a 29 a.C.

Os Arévacos surgem como povos invasores impondo-se pelo seu desenvolvimento cultural e técnico e provocando uma deslocação de povos indígenas. Às técnicas manuais e processos de decoração até aí praticados associam-se as estampilhas, mas logo se verifica a evolução do fabrico da cerâmica pela introdução da roda, apresentando aquela grande riqueza e variedade de motivos, de tal modo que as cerâmicas romanas dos castros romanizados são-lhe, comparativamente, extraordinariamente pobres. A zona de expansão desta cultura foi o Douro, as províncias de Ávila e Salamanca e Numância.

Segundo a cronologia de Wattenberg<sup>21</sup> temos:

de 320 a 220 a.C. — a evolução de tipos originários de tradição danubiana, com decoração de estampilhados, temas ornitomorfos, círculos concêntricos, círculos simples, incisões em espinha de peixe, incrustações em âmbar e botões de metal mostrando algumas a utilização da roda;

de 220 a 179 a.C. — o uso extensivo da roda, apresentando a degeneração da cerâmica de fabrico manual, decoração com pente, raras vezes pintadas;

de 179 a 133 a.C. — uso intensivo da roda que adquire um carácter industrializado, introdução da pintura em vaso com estereotipização de temas originais adaptados a formas e técnicas novas. Formas emolduradas com incisões paralelas resultantes da incisão do pente no torneado dos vasos. Estampilhagem sintética ornitomorfa ou de simbologia precedente. Persistência de tipos feitos à mão e pouca abundância de vasos pintados;

de 133 a 75 a.C. — cerâmica imitando a campaniense de tipo A e B com predomínio de taças largas, pratos, taças de amplas paredes, pés convexos, tacinhas de fundo raso, uso de bocas muito largas. Estampilhas em círculos concêntricos e SS explicada pela cerâmica estampilhada precedente;

16 BOSCH GIMPERA, P. — *opus cit.*, p. 837.

17 BOSCH GIMPERA, P. — *opus cit.*, p. 822.

18 WATTENBERG, F. — *Las Cerámicas Indígenas de Numancia*, vol. IV, Madrid, 1963.

19 WATTENBERG, F. — *opus cit.*, p. 50.

20 SAVORY, H. N. — A Idade do Ferro-B do Noroeste da Península Ibérica — Novas luzes acerca de um antigo problema, in *Revista Guimarães*, vol. LXXVI, n.º 1-2, Guimarães, 1966.

21 WATTENBERG, F. — *opus cit.*, p. 35.

de 75 a 29 a.C. — formas de tipologia mista (Arévaco-Romana) com predomínio e exaltação da temática indígena, como expressão de uma mais ampla possibilidade de transmissão do fundo cultural próprio, devido a técnicas pictóricas desenvolvidas, chegando a atingir a cerâmica pintada notável policromia: sobre o barro vermelho pintura negra ou escura (segundo o grau de cozedura) pormenores brancos ou pintura de cores vermelhas, negra ou ocre sobre barro amarelado ou esbranquiçado (segundo a finura da aguada e a qualidade da argila) que constituem os antecessores do vaso de «clunia», do século I da nossa Era.

Que significado podemos atribuir a esta cerâmica estampilhada?

Certamente imaginamos em primeiro lugar uma afirmação cultural pessoal que como tal se impõe do invasor face ao dominado, mas, por outro lado, não podemos deixar de encarar o facto de tanto Wattenberg como Maluquer de Motes e Savory salientarem o aspecto industrializado de tal tipo de cerâmica.

Para Wattenberg é essencialmente uma forma específica de manifestação cultural que se sobrepõe, pela sua técnica avançada, a formas decorativas muito belas mas de carácter artesanal e caseiro. Além disso, são ainda o fruto da cultura e dos contactos que aqueles povos tiveram com outros nas suas deslocações ou que trouxeram saudosamente do local de origem.

Para Maluquer de Motes<sup>22</sup>, são essencialmente o fruto da técnica avançada e concentrada em centros de produção específicos, sendo essa indústria elaborada com a roda propícia a um fabrico rápido e em série, persistindo a cerâmica manual com fins meramente caseiros.

Savory segue o raciocínio do arqueólogo Leeds que, encontrando nas escavações de Chun Castle (Cornualha) objectos metálicos e restos de cerâmica, afirma que parecem indicar relações comerciais entre o Noroeste Peninsular e aquela região de Gales. Refere ainda outros fragmentos de cerâmica de origem exterior às Ilhas Britânicas e que mais se assemelham à cerâmica castreja peninsular e que são, além da já citada, outro fragmento encontrado em Treveneague Fogou e Porthcawl na costa sul de Gales, que apresenta faixas de caneluras envolvendo séries de SSS ou estilizações de palmípedes.

Estudos recentes permitem classificar uma cerâmica estampilhada idêntica, encontrada no leste da Inglaterra, entre os séculos II e I a.C. no período de La Tène II<sup>23</sup>.

Surge-nos assim a hipótese de estarmos de facto perante uma indústria com fins comerciais, destinando-se os recipientes de cerâmica ao transporte de determinados produtos, que circulariam entre os castros vizinhos ou povos mais distantes. Poderiam ainda, consoante os motivos das estampilhas representarem como que a marca do comerciante ou a espécie de produto que transportavam. Poderia ainda o uso das estampilhas ter uma finalidade pura e simplesmente decorativa. Qualquer das hipóteses são meras conjecturas que um estudo mais profundo destas cerâmicas e dos povoados onde aparecem poderá responder.

Tal raciocínio é também válido quanto à identificação com os Arévacos dos Celtas ou Celtiberos que povoaram os castros assinalados em território português a sul do Tejo e atrás referidos, que apresentam uma maior ou menor quantidade de fragmentos de cerâmica estampilhada.

É possível que aquele povo tivesse tentado uma penetração a sul da província de Salamanca seguindo o vale do Tejo e penetrado no Alentejo ao longo do Guadiana, mas só o estudo apurado e sistemático destas zonas nos poderá esclarecer.

<sup>22</sup> MALUQUER DE MOTES, J. — *Historia de España*, dir. Menendez Pidal, Tomo I, vol. 3, Madrid.

<sup>23</sup> ELSDON, S. M. — *Stamp and Roulette Decorated Pottery of the La Tène Period in Eastern England*, B.A.R. 10, Oxford, 1975.

## INVENTÁRIO DAS CERÂMICAS ESTAMPILHADAS DA CABEÇA DE VAIAMONTE

Com a finalidade não só de permitir um tratamento estatístico e até, se a dimensão da amostragem disponível o justificasse, um tratamento informático, utilizou-se neste inventário um sistema analítico-descritivo muito simplificado que, além da normalização, oferece ainda a vantagem da economia de espaço, factor que é cada vez mais oportuno ter em conta. À frente da «chave» de cada letra e algarismo indica-se a percentagem de casos verificados que, como já se disse, é idêntica, dado que as peças inventariadas pertencem precisamente a 100 vasos diferentes. Entre parêntesis indicam-se os casos em que a caracterização é duvidosa. Os casos em que a caracterização é dúbia foram omitidos deste código, constando apenas do quadro.

A — Parte do vaso; 0 — inteiro; 0 1 — bordo; 14 2 — bojo; 85 3 — asa; 1 4 — fundo; 0

B — Técnica de fabrico 1 — «manual» 2 — com roda 92(8)

	C — cor do núcleo	D — cor exterior	E — cor interior
1 — negro	0	4	2
2 — cinzento-escuro	17	38	35
3 — cinzento-claro	34	11	15
4 — cinzento-acastanhado	21	16	16
5 — castanho-escuro	3	6	6
6 — castanho-claro	5	10	9
7 — castanho-avermelhado	7	7	7
8 — vermelho	1	1	2
9 — alaranjado	6	4	5
10 — arroxeadado	1	4	0

NOTA: Não utilizamos na caracterização das cores qualquer das tabelas correntes, por se tratar de cerâmicas de coloração irregular, o que implicaria a utilização de vários números de código, com a inerente confusão e dificuldade de leitura.

F — Tratamento superficial	1 — rugoso	18	H — Aguada	0 — sem aguada	64
	2 — alisado	56		1 — com aguada externa	13(1)
	3 — polido	24(1)		2 — com aguada interna	0
G — Engobo	0 — sem engobo	62		3 — com aguada interna e externa	20(1)
	1 — com engobo externo	3(2)			
	2 — com engobo interno	0			
	3 — com engobo interno e externo	27(6)			

NOTA: Os termos aguada e engobo têm sido utilizados em diferentes acepções pelos arqueólogos e «ceramólogos», sendo muitas vezes dificilmente distinguíveis. Usamos a classificação de engobo para uma camada de barro, com mais de 0,5 mm de espessura, de cor e textura diferente da do núcleo, espalhada uniformemente em toda a superfície de um vaso, ou do que resta dele. É evidente que em muitos casos é difícil determinar com segurança, sobretudo nos casos em que há uma superfície castanha-clara ou avermelhada e um núcleo cinzento-escuro, em que medida é que essa coloração resulta de uma oxidação incompleta ou da aplicação de uma camada de barro diferente. Por aguada entendemos uma fina película, com menos de 0,5 mm de espessura, de argila muito apurada, aplicada sobre a superfície de um vaso, através de uma imersão em solução aquosa, em geral de coloração escura e de superfície polida.

I — Cozedura	1 — redutora	46(1)	DESENGORDURANTE		
	2 — oxidante	33(2)	K — Quantidade	0 — ausente	5
	3 — oxidante/redutora (após aplicação de engobo)	15		1 — escasso	49
J — Textura	1 — compacta	93		2 — médio	38
	2 — friável	7	L — Dimensão	3 — abundante	8
				0 — ausente	5
				1 — fino	52
				2 — médio	24
				3 — grosso	19

M — Distribuição 0 — ausente 5  
 1 — regular 49  
 2 — irregular 46

N — Natureza 3 — micáceo 41  
 4 — quartzo-micáceo 14  
 5 — indefinido 4

N — Natureza 0 — ausente 5  
 1 — quartzoso 35  
 2 — feldspático 1

O — Espessura média em mm  
 P — Diâmetro máximo em cm  
 x indica diâmetro do bocal

QUADRO ANALÍTICO-DESCRIPTIVO DE CERÂMICAS

Cat.	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
1	1	2	4	8	8	2	3	0	2	1	2	3	2	1	10	48		
2	1	2	4	7	7	2	3	0	2	1	2	3	2	1	11	40		
3	2	2	2	9	9	2	3	0	2	1	2	3	2	4	11	—		100-125
4	1	2	3	2	2	2	3	0	1	1	2	1	1	3	8	34		50-75
5	2	2	4	2	2	3	0	3	1	1	2	1	2	1	7	40		
6	2	2	4	2	2	3	0	3	1	1	2	1	2	1	6	—		
7	2	2	4/7	4/7	4/7	2	0	00	1/2	1	1	1	1	3	10	—		
8	1	2	2	6	6	(3)	3	3	2	1	1	2	2	1	11	36*		75-100
9	1	2	2	6	6	2	3	1	2	1	2	3	2	4	10	32*		100-125
10	1	2	4	4	4	2	0	0	2	1	2	3	2	1	11	38*		
11	1	2	3	3	3	1	0	0	1	1	2	2	1	1	7	32		
12	1	2	8	2	2	3	0	3	3	1	1	1	2	1	6	12		
13	2	2	9	2	2	2	0	3	3	1	1	1	2	1	6	18		
14	2	2	2/5	2	2	3	3	3	3	1	2	1	1	3	5	36		
15	1	2	2/6	2/6	2/6	1	0	1	1/2	1	1	1	2	3	7	41		50-75
16	2	2	7	7	7	2	0	3	2	1	1	1	1	3	10	48		
17	2	2	5	3	3	2	0	3	3	2	0	0	0	0	5	22		
18	1	2	4	2	2	2	0	3	3	1	2	2	2	3	5	22		50-75
19	2	2	3	2/4	2/4	3	0	1	1	1	1	1	1	3	5	22		
20	2	2	4	4	4	2	0	0	2	1	2	2	2	4	10	36		
21	2	2	4	6	6	3	0	0	2	1	2	2	2	3	6	—		
22	2	2	7	7	5	2	0	1	2	2	2	2	1	1	19	34		
23	2	2	4	4	4	2	0	0	2	2	1	1	1	3	13	—		
24	2	2	3	3	3	3	0	(1)	1	1	1	1	1	3	5	25		
25	2	2	2	2	2	3	0	1	1	1	1	1	2	1	5	—		
26	2	2	2	1	2	3	0	3	1	1	0	0	0	0	4	—		
27	2	2	3	6	6	2	3	0	2	1	1	1	1	3	10	—		
28	2	2	3	3	3	3	0	0	1	1	1	1	1	5	6	11	45441	25-50
29	2	2	7	2	7	3	1	0	1	1	2	1	1	3	5	14		
30	2	2	2	2	2	2	0	0	1	1	1	2	2	3	5	19		
31	2	2	3	2	3	2	1	1	1	1	1	1	1	3	10	18	46049	
32	2	2	7	1	2	3	1	1	3	1	0	0	0	0	4	—		
33	2	2	3	2	2	2	0	3	1	1	1	1	1	3	5	—	45461-A	
34	2	2	9	2	2	2	3	0	3	1	1	1	1	3	6	—		
35	2	2	3	3	3	2	0	0	1	1	1	1	2	3	7	—	45436	25-50
36	2	2	2	4	9	1	0	3	3	1	3	2	1	1	3	—	45953	25-50
37	2	2	9	9	9	1	0	1	2	1	0	0	0	0	4	—	45952	
38	2	2	4	2	2	1	3	5	3	1	1	1	1	3	6	14	46105	
39	2	2	4	2	3	3	0	1	1'	1	1	1	1	3	6	—		25-50
40	2	2	4	2	3	3	0	1	1	1	1	1	1	3	5	—		
41	2	22	2	6	6	2	3	0	2	1	2	1	1	3	5	—	45450	
42	2	22	3	4	4	2	0	0	2	1	1	2	2	1	4	—		
43	2	2	3	2	2	2	0	3	1	1	2	2	1	3	6	26	45451	
44	2	2	4	4	4	2	0	0	1	1	0	0	0	0	4	15		
45	2	2	3	2	2	2	0	3	1	1	1	1	1	3	5	—	45444	
46	2	2	3	4	4	2	3	0	1	1	1	1	1	3	5	23		
47	2	2	2	2	2	3	0	0	1	1	1	1	1	3	6	22		
48	2	2	6	2	2	2	3	0	1	1	1	1	1	3	4	—		
49	2	2	6	3	3	2	(3)	0	(1)	1	1	1	1	1	7	—	45440	
50	2	2	3	3	3	2	0	0	2	1	2	1	1	3	7	18		
51	2	2	3	4	4	3	0	1	1	1	2	1	1	3	6	36		
52	2	2	3	2	2	2	0	3	1	1	1	1	2	1	7	—		
53	2	2	4	2	2	2	3	0	3	1	1	1	1	3	8	25		

Cat.	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R
54	2	2	3	1	1	3	0	3	1	1	1	2	2	5	7	22		
55	2	2	6	4	4	1	0	0	2	1	3	3	1	1	7	27		
56	2	2	4	2	2	1	3	0	1	1	1	1	1	5	7	—	45447	
57	1	2	9	9	9	2	0	0	2	1	1	1	1	1	4	—		
58	2	(2)	4	4	4	1	0	0	1	1	3	3	1	1	7	—	45956	25-50
59	2	2	9/2	9	9	2	0	0	2	1	1	1	1	1	4	—		
60	2	2	3	2	2	3	0	1	1	1	3	1	1	3	5	19		
61	1	2	4	4	4	3	0	0	1	1	2	2	1	1	4	—		25-50
62	2	2	3	3	3	1	0	0	1	1	3	3	2	4	5	17		
63	1	2	2	2	2	2/3	0	0	1	1	1	1	1	3	6	—		
64	2	2	10	2	2	3	3	0	1	1	1	1	1	3	6	16	45457	
65	2	2	2	4	4	2	(3)	0	1	1	1	2	1	3	5	29		50-75
66	2	2	7	7	7	2	0	0	2	1	2	2	1	4	12	—		50-75
67	3	2	3	4	6	2	(1)	0	1	1	1	1	1	3	5	—		
68	2	(2)	3	6	6	1	0	0	2	1	3	3	1	1	17	—		25-50
69	2	2	3	2	2	2	3	0	1	1	1	1	1	1	7	—	45458	
70	2	2	9	2	3	2	3	0	3	1	2	2	2	1	6	24		
71	2	2	7	1	1	2	0	3	3	2	2	2	2	1	5	24		
72	2	2	9	2	2	2	3	0	3	1	2	2	2	1	6	—		50-75
73	2	2	3	7	7	2	(3)	0	2	1	2	2	1	3	10	—	45459	25-50
74	2	2	5	2	2	2	3	0	3	1	1	2	2	3	6	24		50-75
75	2	22	6	2	2	1	3	0	3	1	2	3	2	1	4	27		
76	2	(2)	4	6	8	1	0	0	2	1	2	3	2	4	9	—		
77	2	2	2	5	5	2	3	0	2	1	2	2	2	1	10	—	45954	25-50
78	2	2	3	5	5	2	(3)	0	2	1	2	2	2	1	10	—		
79	2	(2)	7	5	5	2	0	(3)	2	2	2	3	2	4	11	—		
80	2	2	2	5	5	2	(3)	0	2	2	2	3	2	1	11	—		
81	2	(2)	4	4	4	1	0	0	0	1	2	3	2	4	10	—		50-75
82	2	(2)	6	6	6	1	0	0	2	1	3	3	2	4	9	—	45955	25-50
83	2	2	2	5	5	1	(3)	0	(2)	1	2	3	2	1	11	40		
84	2	2	3	6	6	2	3	0	2	1	2	2	1	4	11	50		
85	2	2	4	4	4	2	0	0	1	1	2	2	2	1	14	66		
86	2	2	3	2	2	3	3	0	1	1	1	1	2	1	9	26		
87	1	2	2/3	2	2	2	0	0	1	1	1	1	2	4	4	14	45950	25-50
88	2	2	3	2	2	3	0	3	1	1	1	3	2	1	5	18	45432	
89	2	2	3	6	4	3	0	1	2	1	1	1	2	4	4	20		
90	2	2	3	3	3	2	0	0	1	1	1	1	1	3	5	—	45460	25-50
91	2	2	3	3	3	3	0	0	1	1	2	1	1	4	7	42		
92	2	2	5	2	2	2	3	0	1	1	1	1	1	3	5	26	45446	
93	2	2	2	2	2	1	0	0	1	1	1	1	1	3	6	32		
94	2	2	2	2	2	1	0	0	1	1	1	1	1	3	6	28		
95	2	2	3	3	3	2	0	3	1	1	1	1	2	1	5	18	45940	25-50
96	2	2	3	7	7	2	3	0	2	1	1	1	2	3	13	(50)		
97	2	22	3	2	2	2	0	3	1	1	1	1	2	4	5	(20)		
98	2	(2)	4	4	4	2	0	0	2	2	3	3	2	1	11	(28)		
99	2	(2)	2	5	4	1	(1)	0	(2)	1	2	3	2	2	12	(28)		
100	2	2	3	7	7	2	3	0	2	1	2	2	2	5	13	—		

### Summary

The authors present the first study of Iron Age stamped pottery of Southern Portugal based on the largest collection of this pottery from a very important hill-fort of Alentejo, Cabeça de Vaíamonte, which is now in the National Archaeological and Ethnological Museum at Belem, Lisbon.

After the analysis of the wares, forms, stamps and composition the authors present a list of all the sites of southern Portugal where this kind of pottery was found, most of them not yet fully published. The analysis of the origins and development of the stamped pottery shows a probable relationship with the Arevaci, a celtic people, referred by Strabo (*Geographiká*, 4, 13) who was supposed to have penetrated Iberia by 400 B.C. and spread through southern Portugal and northwestern Alentejo some years later.